

SAUL DE NAVARRO



A VIDA EM SONHO...

A VIDA EM SONHO...



PREFEITURA DE
VITÓRIA

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Ester Abreu Vieira de Oliveira
Presidente

Wanda Maria Bernardi Capistrano Alckmin
Primeira Vice-Presidente

Francisco Amálio Grijó
Segundo Vice-Presidente

Josina Nunes Drumond
Terceiro Vice-Presidente

Romulo Felipe
Primeiro Secretário

Fábio Santos Daflon Gomes
Primeiro Tesoureiro

Marcos André Malta Dantas
Segundo Tesoureiro

José Roberto Santos Neves
Diretor de Publicidade

Jorge Elias Neto, José Carlos Mattedi e Jonas Reis
Conselho Fiscal

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA

Lorenzo Pazolini
Prefeito Municipal

Cristhine Samorini
Vice-Prefeita

Eduardo Henning Louzada
Secretário Municipal de Cultura

Elizete Terezinha Caser Rocha
Coordenadora da Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim

SAUL DE NAVARRO

A VIDA EM SONHO...

FERNANDO ACHIAMÉ

[Organizador]

SEMC

Vitória (ES)
Prefeitura Municipal de Vitória
Secretaria de Cultura
2025

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2025

CONSELHO EDITORIAL

Adilson Vilaça * Álvaro José Silva * Ester Abreu Vieira de Oliveira
Elizete Terezinha Caser Rocha * Fernando Achiamé
Francisco Aurélio Ribeiro * Getúlio Marcos Pereira Neves

ORGANIZADOR: Francisco Aurelio Ribeiro
CAPA E EDITORAÇÃO: Rony Mothé
IMPRESSÃO: Gráfica GSA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim (Vitória/ES)

S322v Navarro, Saul de, 1890-1945.
A vida em sonho / Saul de Navarro ; Fernando Achiamé (Org.).-- 2.ed.--
Vitória, ES : Secretaria Municipal de Cultura, 2025.
111 p. ; 21 cm.-- (Coleção José Costa, 39).

ISBN: 978-65-01-53822-8

Publicação em parceria com a Prefeitura Municipal de Vitória e a
Academia Espírito-santense de Letras.

1.História - Espírito Santo (Estado). 2. Achiamé, Fernando. I. Vitória (ES).
I. Secretaria Municipal de Cultura. II. Vitória (ES). Academia Espírito-
santense de Letras. III. Título. IV.
Série.

CDD 981.52

Distribuição gratuita. Venda Proibida.
Biblioteca Municipal de Vitória “Adelpho Poli Monjardim”
bmunicipalvitoria@gmail.com
55 27 3381.6926

PREFÁCIO

Toda cidade guarda, em sua arquitetura e alma, nomes que a moldaram com ideias, gestos e palavras. Vitória, entre suas ladeiras e horizontes de luz, reverencia um desses nomes com justiça e memória: Adelpho Poli Monjardim. Prefeito da capital capixaba de 1955 a 1957 e de 1959 a 1963, um tempo de profundas mudanças no Brasil e no mundo, Adelpho foi mais do que um administrador público; foi um homem de letras, de reflexão e de compromisso com sua terra.

Sua atuação como gestor, e primeiro prefeito eleito de Vitória, deu-se num momento emblemático, após a Segunda Guerra Mundial, quando a cidade e o país exigiam reorganização e novas direções. Nesse contexto, Adelpho promoveu reformas administrativas, buscou modernizar os serviços públicos e conduziu Vitória com seriedade, ajudando a pavimentar caminhos para uma cidade mais estruturada e consciente de sua identidade.

Mas é no campo da cultura que seu nome ganha eco duradouro. Como escritor, pesquisador e defensor das letras, contribuiu para o fortalecimento da memória capixaba. E é por isso que a Biblioteca Pública Municipal de Vitória leva o seu nome, não apenas como homenagem, mas como continuidade de sua crença no conhecimento como pilar da cidadania.

Estas publicações, destinadas sobretudo aos alunos da rede pública municipal, fazem parte de um projeto maior: semear em novas gerações o valor da história, da literatura e do pertencimento. A Prefeitura Municipal de Vitória, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, celebra com grande satisfação a parceria com a Academia Espírito-santense de Letras, renovada a cada ano desde 1990, que permite a publicação e a ampla circulação de obras que dialogam com a alma de nossa cidade.

Neste ciclo, integram o projeto a obra “Um Aristocrata nas Letras: Vida e Obra de Adelpho Poli Monjardim” da

Coleção Roberto Almada; os livros “Vento Sul”, de Carmélia Maria de Souza, “A Vida em Sonho...”, de Saul de Navarro, e a reedição histórica de “História da Província do Espírito Santo”, de Misael Ferreira Pena, os três da Coleção José Costa. Também ganham nova vida a Coleção Escritos de Vitória, agora em sua 39ª edição, reunindo muitos “Causos da Ilha” que fortalecem a tradição oral e as narrativas afetivas de nosso povo, e os periódicos “Revista da Academia Espírito-santense de Letras”, no 30º número, e a segunda publicação da “Folha Literária”.

Que essas leituras inspirem os jovens leitores a compreender que a cidade em que vivem é feita de pessoas, decisões e memórias, e que nomes como o de Adelfo Poli Monjardim continuam vivos, não apenas nas páginas da história, mas nas ideias que nos movem e nos sonhos que ainda nos guiam.

Lorenzo Pazolini
Prefeito de Vitória

APRESENTAÇÃO

A Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), por meio da Secretaria Municipal de Cultura (SEMC), sente-se profundamente satisfeita em seguir, em parceria com a Academia Espírito-santense de Letras (AEL), semeando a valorização da memória, da literatura e da identidade cultural da cidade. Essa parceria, traduzida por meio de um convênio anual, possibilita a publicação e a ampla distribuição de obras literárias memorialísticas à população capixaba.

Essa ação, iniciada em 1990 com a emblemática coleção *Palavras da Cidade*, ganhou fôlego e projeção com a criação, em 1993, da *Coleção Escritos de Vitória*. Ao longo dos anos, essa coleção tem acolhido textos de autores jovens e também de escritores já consagrados, cujas obras resgatam vivências, histórias e percepções sobre a cidade de Vitória. Agora, em sua 39ª edição, celebramos mais de sessenta textos sob o tema *Causos da Ilha*, fortalecendo a tradição oral e as narrativas afetivas que permeiam o imaginário ilhéu.

Juntamente com essa edição da *Coleção Escritos de Vitória*, são publicadas a *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, com ensaios, resenhas e discursos acadêmicos, e a *Folha Literária*, com notícias culturais e textos diversos, além de quatro livros das consagradas coleções *Roberto Almada* e *José Costa*.

Entre os títulos presentes, destacam-se *Vento Sul*, com crônicas da insigne escritora capixaba Carmélia Maria de Souza; uma biografia do ex-prefeito e escritor Adelpho Poli Monjardim – que dá nome à Biblioteca Pública Municipal de Vitória; *A Vida em Sonho...*, obra de Saul de Navarro; e a reedição da clássica *História da Província do Espírito Santo*, escrita por Misael Ferreira Pena em 1878.

Ao apoiar essas publicações, a PMV/SEMC reafirma sua convicção na importância da literatura como instrumento de reflexão, memória e transformação. São obras que, além de enriquecerem o acervo das bibliotecas e chegarem às mãos de

leitores de todas as idades, preservam a memória coletiva, incentivam a leitura e promovem o diálogo entre o passado, o presente e o futuro da cidade.

Em cada um desses tempos, destaque para aquela que se mantém protagonista. A professora doutora Ester Abreu Vieira de Oliveira, de admirável trajetória marcada pela erudição e sensibilidade, ícone de compromisso com a educação, a cultura e a literatura, segue cultivando entusiasmo e nutrindo feitura como a que se materializa neste projeto. Ela, “jardineira das letras”, planta, cultiva, poda, rega, aduba, mantém e, merecidamente, colhe; e, generosamente, nos permite colher juntos. Este é só mais um fruto desta Senhora-Árvore.

É no mínimo curioso que essa ação aconteça no outono, metaforicamente, onde mais se fala do tempo, da vida, do que foi e do que se transforma. Isso tem cheiro de Albert Camus: “O outono é outra primavera, cada folha uma flor”. Uma imagem rica para quem no livro, faz morada; da literatura, um portal. Seguimos, com orgulho, cultivando esse legado. Que os bons ventos sigam soprando as folhas dessa história de sementes, flores e frutos.

Edu Henning

Secretário de Cultura de Vitória

Outono de 2025

AGRADECIMENTOS

Em seu quadro de patronos e membros, a Academia Espírito-santense de Letras (AEL) possui nomes que enriquecem a história da literatura, da cultura e da política no Estado do Espírito Santo. Ela incentiva a criação de associações culturais e de bibliotecas, além de editar e divulgar periódicos, obras literárias e historiográficas referentes a nossa terra. Ademais, a AEL mantém importante acervo arquivístico e a preciosa Biblioteca Saul de Navarro, nome dado em homenagem a esse escritor capixaba devido à generosa doação de inúmeras e raras publicações feita pela família após seu falecimento.

A atual diretoria, já em segundo mandato, iniciado em 19 de dezembro de 2022, tem procurado cumprir com as finalidades da AEL, propostas em seu Estatuto. Para isso, participa de eventos, inclusive os organizados por outras academias, tem recebido alunos em sua sede para charlas literárias, promovido concursos sobre escritos de ficção, e contribuído para o crescimento dos acervos de bibliotecas. Além de empenhar esforços para publicar as revistas e os livros que o Conselho Editorial seleciona, dentro das coleções por ela mantidas.

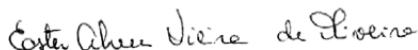
A Academia Espírito-santense de Letras agradece penhoradamente ao Prefeito Municipal de Vitória, Lorenzo Pazolini, e ao Secretário Municipal de Cultura, Edu Henning, pelo apoio financeiro que obteve para publicar dois periódicos e cinco obras avulsas. Agradecemos também aos componentes do Conselho Editorial pela colaboração, e aos acadêmicos Fernando Achiamé, Francisco Aurélio Ribeiro, Jonas Reis, Renata Bonfim e Romulo Felipe por terem trabalhado de modo voluntário na organização das publicações deste ano. Nossos agradecimentos se estendem à bibliotecária Elizete Caser Rocha, que sempre elabora as fichas catalográficas de nossas edições.

As obras da AEL procuram despertar desde cedo nas

crianças e jovens o gosto pela leitura e pelos livros. E isso está dentro dos objetivos da Academia. São 103 anos de fundação da instituição, criada em 4 de setembro de 1921 e reorganizada em 18 de julho de 1937. E, assim, é também necessário agradecer àqueles que deram início a esta agremiação e àqueles que estiveram na sua presidência e procuraram conservar e ampliar o leque de importância da AEL: D. Benedito Paulo Alves de Souza, Archimimo Martins de Mattos, Augusto Emílio Estellita Lins, João Dias Collares Júnior, Eurípides Queiroz do Valle, Ceciliano Abel de Almeida, José Antônio Ruy Côrtes, Nelson Abel de Almeida, José Moysés, Christiano Dias Lopes Filho, Rômulo Salles de Sá, Maria Helena Teixeira de Siqueira, Gabriel Augusto de Mello Bittencourt e Francisco Aurélio Ribeiro.

Muito obrigado a todos!

Vitória, dezembro de 2024.



DRA. ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA

Professora Emérita da Ufes

Presidente da AEL

www.ael.org.br

NOTA DO ORGANIZADOR

Há uns bons anos, o amigo Reinaldo Santos Neves me pediu para ajudá-lo na destinação de inúmeros livros, novos e usados, que estavam estocados em sala da extinta Cultural-ES, entidade liderada por seu irmão Luiz Guilherme, que faleceu recentemente. Separamos as obras e, com a concordância de Luiz, a maioria delas foi encaminhada à Biblioteca Pública Estadual. Reinaldo, generosamente, permitiu que ficasse com algum livro que fosse do meu agrado. Peguei bem poucos e, entre eles, “A vida em sonho...” de Saul de Navarro. E o fiz mais por interesse no nome do autor, patrono da rua onde se situava a casa paterna em que morei, no bairro vitorriense da Praia do Canto. Tudo indica que o livro integrara a biblioteca do mestre Guilherme Santos Neves, pai daqueles dois excelentes escritores.

Mais próximo de agora, o professor Francisco Aurelio Ribeiro empreendeu estudo abrangente e bem fundamentado sobre Saul de Navarro, publicado pela Academia Espírito-santense de Letras (AEL), como já fizera e continua a realizar acerca de eminentes intelectuais capixabas. Na ocasião em que concluiu seu ensaio, Francisco declarou em reunião da Academia que lera todos os livros do Saul, menos um que não tivera sucesso em localizar. No ano passado, arrumando minha biblioteca, encontrei aquele livro de Saul de Navarro que ganhara de presente, e resolvi que ele ficaria melhor no acervo da biblioteca que leva seu nome na AEL. Quando em reunião dos acadêmicos formalizei a despretensiosa doação, Francisco Aurelio constatou que a obra era justamente a que não conseguira encontrar. O que foi uma surpresa para mim também. E “A vida em sonho...”, por sua raridade, logo foi proposta por Francisco para ser reeditada pela AEL. Quando fui escolhido para organizar este livro, naturalmente o convidei para escrever um artigo, que vai adiante, sobre a vida e a obra do autor.

Então, providenciou-se a digitalização do livro, realiza-

da por Marta Gonçalves Achiamé com todo cuidado devido à fragilidade do exemplar. Em seguida, ela fez a conversão do arquivo para o Word. Eu me encarreguei de cotejar o texto resultante, linha por linha, com o original. Nesse trabalho que exige muita atenção, corriji alguns equívocos tipográficos evidentes, atualizei a ortografia, mantive quase toda a pontuação original e formatei títulos e parágrafos. Três intervenções minhas no texto estão colocadas entre colchetes. Mantive o índice numa disposição semelhante à da primeira edição, mas as nove fotos originais de crianças com respectivas legendas foram inseridas agora numa ordem diferente. Se escapou algo errado, peço que me perdoem.

Para o bem e para o mal, esta obra reflete de modo bastante fidedigno a época em que foi composta; e somente isso já justificaria sua reedição. Tudo aqui tem certo valor para a pesquisa historiográfica, literária ou linguística: o vocabulário, a sintaxe e a prosódia empregadas; os conceitos e ideias vigentes naquele tempo; os poemas em português e espanhol que circulavam nos ambientes de cultura; a lista de autores e suas obras que serviram de base e inspiração para a escrita do livro e que vão enumerados no final da obra sob o título de “Tesouros do coração”; a “Lista branca”, também reunida no final, com nomes de figuras nacionais e capixabas cujas atuações o autor considerou importantes por valorizarem a infância. Uma pista para quem quiser se aprofundar na vida e na arte do autor: por alguns indícios constantes em passagens do livro, Saul devia ser adepto do kardecismo; por exemplo, incluiu o nome “Fritz” em sua “Lista Branca” – referência bem provável ao espírito de um médico chamado “Dr. Fritz”, incorporado por médiuns daquela religião e considerado por seus adeptos como orientador de curas.

Semanas antes de me debruçar sobre “A vida em sonho...” tinha lido o livro de crônicas de Ruy Castro “O ouvindo do Brasil: 99 vezes Tom Jobim”, no qual o pai do músico é citado. Um caso aqui registrado sob o título de “O dom helênico” chamou minha atenção: quando me deparei com

o nome de Jorge Jobim e da sua filha Helena não tive dúvida que se tratava do pai e da irmã de Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, nosso “maestro soberano”. Referido pelo autor capixaba como “irmãozinho mais velho e já com a vaidade de ser homem de juízo”. Eram amigos os escritores Saul de Navarro e Jorge Jobim.

Enfim, perpassa nesta obra o “espírito do tempo” com suas características, juízos de valor, preconceitos, modos de pensar e agir que para nós causam certa estranheza. Um contraditório panorama que nos faz vislumbrar época cronologicamente tão próxima, mas também tão distante nos costumes. Creio, contudo, que o ponto alto de “A vida em sonho...” seja assegurar que a vivacidade dos meninos e meninas é devida, sobretudo, à sua condição humana, como evidente. Ao contrário do que pensam muitas pessoas sobre as crianças de hoje, ao atribuírem seu desembaraço apenas à TV, aos estímulos digitais, às mudanças de hábitos... Em diferentes períodos históricos elas sempre tiveram inteligência, perspicácia e curiosidade ao interagirem com as descobertas iniciais da vida, como provam muitas das páginas seguintes. E que guardam descrições dos garotos e garotas, suas histórias alegres e dolorosas, suas respostas e reações surpreendentes, narrativas e lendas infantis... tudo reunido com sensibilidade por Saul de Navarro, que não escondia de ninguém a tristeza por não ter gerado um filho e o grande amor pelos pequenos.

Vitória, setembro de 2024.

FERNANDO ANTÔNIO DE MORAES ACHIAMÉ
Da Academia Espírito-santense de Letras

SAUL DE NAVARRO E “A VIDA EM SONHO...”

Em 1922, ocorria no Brasil a Semana de Arte Moderna. Um ano antes, fora criada a Academia Espírito-santense de Letras (AEL) por três jovens escritores engajados no espírito de modernização que tomava conta do século XX, após os desastres da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da Gripe Espanhola (1918-1920), que ceifaram milhares de vidas em nosso país e no mundo. Dentre os primeiros acadêmicos a se incorporarem à Academia Espírito-santense de Letras, estava o jornalista Saul de Navarro, pseudônimo de Álvaro Henrique Moreira de Souza, nascido em Santa Leopoldina, em 1890, e com ativa vida intelectual no jornalismo carioca, com participação em vários jornais e revistas da então capital do Brasil. Saul de Navarro possuía profunda ligação com os escritores latino-americanos e atuava em várias revistas como a *Nuestra América*, da Argentina, a *Hero* de Cuba, a *América Latina*, do Equador e a *Plumadas*, da Venezuela.

Saul de Navarro manteve intensa correspondência com os escritores da América Latina, sempre fazendo resenhas e críticas literárias de vários deles. Em 1928, publicou o livro *O Espírito Ibero-Americano*, 1ª série, indicando que planejava publicar outras séries de ensaios, tão vasto era o seu conhecimento da obra literária latino-americana. Seu ex-libris representava um guerreiro indígena e o lema “Por Deus e Pela América”. O livro é dedicado ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Dr. Octavio Mangabeira, por fazer da “harmonia continental a base de nossa política no estrangeiro”. Ainda na dedicatória, afirma o autor que o livro inicia uma “série em que se resumirão quase três lustros de confraternização espiritual e intercâmbio com todos os países hispano-americanos”.

Em 1930, Saul de Navarro foi nomeado Delegado Fiscal do Espírito Santo, cargo que perdeu em outubro, com a chegada dos getulistas ao poder. Volta para o Rio, onde mo-

rava, e viveu dois anos de doenças, mortificações e desesperos. Segundo ele, “a minha vida tomou rumos de dor e de milagres”. Sua reconciliação com o regime getulista, conforme demonstra o Prólogo deste livro, o faz publicar em 1933 pela Renascença Editora do Rio de Janeiro “A vida em sonho...”, obra voltada para o enaltecimento e educação das crianças, seguindo o conteúdo de mensagem do ditador aos intervenientes estaduais. Dividida em cinco partes, “O Encanto das Crianças”, “Bando de Almas Pequenas”, “Florilégio de Graças e Gorjeios”, “Apólogos e Parábolas”, “Lendas e Prodígios”, a obra é dedicada a três mulheres de sua vida: a mãe, Maria Amélia; a mãe de leite, Maria Loureiro; e a professora, Maria Camila.

Em setembro de 1933, Saul de Navarro embarca para Londres, com a esposa, a serviço do Ministério da Fazenda brasileiro, onde permanece por três anos e três meses. Nesse período, publica conferência feita em Portugal, em 1935, e um livro em francês, “A dança dos símbolos”, em 1936. Ao voltar, publica “O Segredo de Portugal”, em 1938, e “O mundo que vai nascer”, em 1944. Em 27 de novembro de 1945, faleceu no Rio de Janeiro. Dois anos depois, é inaugurada a Biblioteca Saul de Navarro da AEL com a presença de sua viúva, que doou os livros dele à instituição.

A republicação deste “A vida em sonho...” se deve ao acadêmico Fernando Achiamé, que possuía o único exemplar existente dessa obra e o ofertou à Biblioteca Saul de Navarro da AEL. Também é ele o organizador desta segunda edição, a quem registramos nossos sinceros agradecimentos e o parabenizamos pela dedicação ao registro da memória das letras capixabas.

Vitória do Espírito Santo, setembro de 2024.

PROF. DR. FRANCISCO AURELIO RIBEIRO
Presidente de Honra da AEL

OFERENDA

À memória de D. GUILHERMINA GUINLE, que teve a santa iniciativa do Natal para as crianças pobres do Rio; à D. STELLA GUERRA DUVAL, a fada milagrosa da Pró-Mater, campeã da bondade brasileira; à Irmã Paula, mãe dos pobres cariocas; às infatigáveis abelhas da “Obra do Berço”; a todas as mães, quer obscuras e humildes, quer notáveis ou opulentas, porque todas são mártires e heroínas, porque todas são benfazejas e sublimes; eu, com a minha veneração e o meu respeito, consagro este livro, onde se espiritualiza a minha ternura e floresce algo que já foi lágrima nos olhos e sorriso nos lábios de três Marias: Maria Amélia, que me deu à luz; Maria Loureiro, que me deu o leite; Maria Camila, que me educou, – trindade marial que me fez sentir o céu e me faz beijar a terra, mãe também, e tão boa que nos abre o seio ao nascer e nele nos esconde quando de nós só resta a carne abjeta e perecível... porque, sendo mãe, é também Maria.

PRÓLOGO

Este livro encerra todo o meu amor pela criança. É um resumo de tudo quanto em mim possa haver de doçura humana, que me ficou no sangue e na alma, pelo legado divino da minha Mãe, de quem bebi o Céu no leite, e por influxo de meu Pai, que foi um coração que floriu na Terra.

* * *

Que palavras poderiam servir-lhe de prólogo? Só me acodem as que foram dirigidas, a 25 de dezembro de 1931, pelo Chefe do Governo Provisório, num apelo comovente a todos os interventores nos Estados. Foi um ato seráfico do Ditador, a mais suave, a mais bela ação da Revolução de Outubro, a mais linda mensagem que emanou do Poder em nossa vida de nação soberana. Porque, nessa exortação impressionante, há uma revelação de estadista e um gesto em que se embandeira a visão suprema da nossa brasilidade.

Todo brasileiro, que o saiba ser, tem de gravá-la na memória, deve tê-la por mandamento, pois sintetiza o magno problema do nosso país: na criança está o Brasil que vai amanhecendo; o Brasil que será sol e espírito amanhã; o Brasil imenso de hoje e o Brasil ainda maior do futuro.

Eis aqui, o telegrama-circular, para que, transcrito, seja relido e fique ressoando no coração de todos os brasileiros:

Escolho este dia, tradicionalmente consagrado à criança, para vos dirigir um apelo no sentido de dispensardes a maior atenção aos problemas concernentes à proteção e à saúde da infância, pois nenhuma obra patriótica intimamente ligada ao aperfeiçoamento da raça e ao progresso do país, excede a esta, devendo constituir, por isso, preocupação predominante em toda atuação política verdadeiramente nacional.

Os poderes públicos, aliados à iniciativa particular e guiados por estudo atento e científico dos fatos, têm no amparo à criança, sobretudo quanto à preservação da vida, à conservação da saúde e ao seu desenvolvimento físico e mental, um problema da maior transcendência, chave da nossa opulência futura, principalmente em nossa terra, onde, mais talvez que nas outras, se acumularam fatores nocivos à formação de uma raça forte e sadia.

O índice da mortalidade infantil é, na própria capital da República, só comparável ao das grandes cidades tropicais da África e da Ásia e, no resto do país, as cifras são desoladoras.

A hora atual impõe-nos zelar pela formação da nacionalidade, cuidando das crianças de hoje, para transformá-las em cidadãos fortes e capazes.

Desejando dar caráter prático a esta campanha, que é quase de salvação pública, deves desde já, nesse Estado, ir congregando os especialistas no assunto, de forma a estudarem o problema, ampla e minuciosamente, em face das estatísticas e à luz dos ensinamentos da higiene moderna. Para coordenar o reforço das diversas unidades federativas, nesse sentido, o Governo reunirá, logo que possível, nesta Capital, um Congresso em que estejam representados todos os Estados. Tomando por base esses trabalhos preliminares, o Congresso fornecerá, finalmente, ao Governo Federal os métodos e as diretrizes a seguir, para favorecer e auxiliar todas as instituições seriamente empenhadas em promover o bem-estar, a saúde, o desenvolvimento e a educação da criança, desde antes do nascimento, pela assistência à maternidade, até à idade escolar e à adolescência, proporcionando-lhe, ainda, os subsídios indispensáveis à promulgação de leis e regulamentos tendentes a realizar uma proteção eficaz à Infância, com segurança de êxito. Cordiais saudações. – Getúlio Vargas.

Façamos com que as crianças gravem na memória a lembrança do nosso carinho e que perdure para sempre em seu espírito a imagem do Brasil, porque nelas dormem o futuro, a glória e o destino da nossa Pátria e se elabora nelas um mundo que talvez não nos seja dado ver, mas apenas presenciar...

Quem grava na criança – diziam os gregos serenos e luminosos – grava no mármore.



I O ENCANTO DAS CRIANÇAS



O autor aos quatro
anos de idade

RONDA DE SORRISOS...

I

A criança tem o dom suave da angelitude. É a graça floral da Terra. Em seu estado de inocência sorri o segredo sutil da eternidade...

Ser criança é ser uma expressão celestial de pureza: a carne adquire um tom velado de névoa, e rosa, e ouro... A vida se lhe resume no encanto da castidade, trazendo ainda reminiscência de Paraíso na graça albente do semblante, na carícia da voz que canta, do gesto que floresce, do olhar que fulge doçura de distâncias estelares...

Criança... Mistério sorrindo. Destino esboçado em nuvem. Aroma de uma lembrança sideral. Ritmo da revelação de um prodígio que não espanta. Grão de sol.

Semente divina que germinou no orbe...

Brinca-lhe a luz nos olhos; nos lábios lhe brinca o sorriso. O mundo dá-lhe a força frágil do sonho; o Éden sopra-lhe um perfume puríssimo; o Infinito sussurra-lhe na concha rosilunar do ouvido.

Não vê, não ouve, não sabe, não sente o Mal. Alimenta-se de leite, sangue alvo e de carícias maternas: suga dois seios fecundos e ingere bondade.

O sexo não lhe impõe a exigência feroz do egoísmo. É um instinto sem maldade e sem malícia, uma vida humana sem a mácula do pecado original.

Alma em sonho, não passa de uma consciência adormecida. no enlevo do esquecimento do que já foi e na ignorância do que vai ser...

Não distingue o Bem do Mal, a Terra, do Céu. Vagamente lhe perpassa sobre o espírito, imerso no profundo sono tranquilo de sua hibernação planetária, a asa lépida de uma recordação das vidas que lhe marcam a grande e longa viagem astral, sem pressentir o perpétuo avanço de suas migrações no espaço e no tempo...

A criança é um enigma que floriu; um mistério que sorri para a vida; uma luz que nos vem, cantando, do Absoluto.

II

Tive um irmão que morreu tal um passarinho morre, como se diz, e antes de contar um ano de vida terrena.

Lembro-me ainda hoje – e já se passaram tantos anos! – dessa adorável criança que me perfuma a memória.

Parece-me que estou a vê-lo dormindo a sorrir no berço e a vê-lo, depois de morto, sorrindo...

Herculano era o seu nome, o nome que lhe deram. Passou pela Terra como um sorriso nimbado de alma. E o enterro de seu minúsculo cadaverzinho foi um desfile processional de formas, ritmos e sonhos: um bando nívoo de donzelas levou o pequenino esquife até ao campo santo da pequena cidade gaúcha, onde agora nada restará, por certo, desse ramilhete de ossos. Se eu voltasse a visitar o cemitério, situado no alto de uma verde colina, dominando a paisagem oblonga do pampa, que prolonga o horizonte, só encontraria flores agrestes como vestígio de sua transfiguração.

Essa alma celeste, de quem recebi o influxo duma graça sideral e de quem sinto neste momento uma carícia fluida de lírio espiritualizado, essa alma vive dentro do meu coração e existe, já sem a limitação humana da queda, na harmonia total e perene do Universo...

III

Moro em São Cristóvão, habitado quase todo por gente humilde e por gente que sofre e trabalha, suando para ganhar o pão de cada dia.

Mas quanta alegria ingênua no meu bairro pobre!

À noite, nas velhas ruas silenciosas, grupos de crianças – flores humanas de miséria – brincam e cantam, dançando a ciranda, cirandinha.

Fico embevecido nessa contemplação.

Pobrezinhas! São crianças que não percebem, não

compreendem a minha piedosa ternura e a minha inveja recôndita.

Não tenho filhos... E é por essa razão que ainda me sinto mais pobre!

IV

BEATRIZ ELEONORA – No teu encanto seráfico de criança, na graça fresca do teu sorriso, no sonho divino de tua inocência, floresce o suave enigma de uma alma pequenina. A luz nimba-te de pureza, porque em ti brinca o enlevo da alegria primordial, que vem cantando do céu, perfumada de Deus.

Filha de um grande artista – Osvaldo Teixeira, que faz da pintura uma festa da cor, és uma rosa menina, uma asa da Vida...

V

MARIA CECÍLIA – É o nome de uma sobrinha que tenho. É meiga e encantadora essa avezinha humana.

Quantas vezes adormeceu nos meus braços! E, nesses momentos, uma suavidade indefinível me envolvia, como se eu estivesse sob a influência de um sonho inefável.

É que tinha a sensação de sobraçar um mundo em flor.

VI

MARIA HELENA... Marilena é a sonora abreviatura de seu nome. Como defini-la? Não no sei. É uma rosa apenas entreaberta, apenas orvalhada de inocência... Rosa, sim. Rosa ainda no recato e na candura da cor.

Tem ela a suavidade do pudor de todas as rosas não maculadas pelo contato humano...

Sua voz faz-me lembrar um gorjeio quando surge a aurora anunciando o sol, que irrompe como se fosse uma Esfinge loura...

É ave? É anjo? É borboleta?

Não sei dizê-lo.

Mas é bem possível que seja tudo isso, porque é criança...

VII

MARIA DULCE – Vendo-a, parece-me que admiro, com o prodígio da vida, a divina criança que sorri ao colo de Maria nos quadros dos primitivos e nos das madonas rafaélicas e nos das Virgens de Murilo.

Maria Dulce tem um nome que a define e resume. Doce criaturinha, que vive para dois mundos: os seios maternos.

Quando me olha, sinto o céu em sua luz; quando me sorri, no encanto de sua inocência, todos os ritmos cantam no meu coração; quando a vejo adormecida, vislumbro a beleza perfeita, porque um desejo de ser bom me purifica a alma e ressoam no meu espírito todas as alegrias do Universo.

Maria Dulce! Doce nome, suave harmonia de sons que surdinam vozes angélicas e arrulham beijos castos de palavras que têm unção de preces que fossem segredadas por almas no Paraíso...

Quem a vê recebe logo a carícia do sorriso, que se abre como flor de céu; é uma boneca que se move, fala e sorri, uma boneca humana, uma linda boneca que tivesse alma...

Rabindranath Tagore, o poeta sutil das crianças, com a sua grande vidência de oriental, se a visse, dedicar-lhe-ia certamente. um poemeto de sabedoria e de ternura.

Maria Dulce é uma flor de milagre.

Em seu casto e límpido sorriso de criança revela-se, com expressão humana, a beleza divina de uma alma que já, talvez, tenha sido ânsia radiosa em mundos bem distantes e elevados, e cante agora a sua ingênua e serena alegria...

Quantas dores não rolaram no Cosmos para torná-la assim, tão bela tão pura e tão feliz!

VIII

LUIS CARLINHOS – Tem por benção a auréola do

nome de quem foi rei de França e santo medieval, do rei justo e suave, que teve um trono na Terra e o tem no Céu.

Filho e neto de engenheiros, faz, por influxo atávico, a engenharia sutil dos brinquedos: desenha figuras no papel e constrói castelos na areia.

Mora perto da Lagoa Rodrigo de Freitas. E é o sorriso a morar a graça daquela paisagem.

O avô, poeta insigne, via no primeiro neto a sua melhor rima. E morreu feliz pelo prodígio dessa rima tão rica!

O tio, avô por presunção sentimental, deixava o seu mundo abstrato de algarismos, esquecia a paciência das estatísticas, para lhe somar as graças e recensear-lhe os sorrisos.

Luís Carlinhos (tinha então 4 anos), apresentava uma loura malícia de bebê alemão. Olhos claros, luzindo ironia amorável de anjo. Conhecia a ciência amorável da momice. Humorista precoce, tinha a gaiatice gorjeada de um pássaro que fosse um sarcasta do bosque.

Luís Carlos Neto! É um verso na síntese musical de um nome, uma carícia de sons que tecem o idioma angélico do sorriso...

IX

ANJO CABOCLO – A minha única afilhada é o tesouro de um lar humilde: filha de um marinheiro da Alfândega de Vitória, José Bomfim, e de Regina, sergipanos morando a doçura de Vila Velha.

Maria Lúcia batizou-se em maio, mês de Maria, que lhe serviu de celeste nome.

Há nas duas contas negras dos seus olhinhos a graça noturna de um sonho sertanejo.

Rostinho moreno de índia pequenina; segredo miniatu-
ral fixando a suavidade cabocla de um serafim. Espelha a
cândida beleza selvagem da nossa sub-raça. Flor de sombra,
onde, porém, se sente a forte carícia do sol tropical: é um
sorriso gravado em bronze...

X

LUCY – É minha sobrinha. Rosa da Paulicéia. Tem a graça sutil da garoa no sorriso e um encanto moreno na epiderme petalar e nos cabelos castanhos.

A voz é uma carícia que canta. O olhar, uma luz que sonha.

Lucy, pelo condão do nome, possui a sonoridade de modular um beijo úmido de luz.

XI

ALBINO – Deram-lhe um nome impróprio. Inocente ironia paterna. Sarcasmo inconsciente de quem lho deu. É um anjo... de ébano. Negros os olhos; escuros os cabelos agarrados; treva capilar aderida à feição de uma crespaciaz de veludo. Mas, nesse bebê de ônix, há uma alvorada – o sorriso; uma graça sideral – a da alma que brinca nos seus olhos noturnos...

XII

CARMINHA – Encanto de um lar feliz. Olhos azuis e cabelos de seda. Tem as feições suavíssimas de uma boneca de alma e uma epiderme de rosa.

Parece uma visão angélica de vitral gótico. Sinfoniza um sonho do Éden.

Murilo tê-la-ia pincelado...

Tê-la-ia *adivinhado* Velásquez, quando o seu pincel de gênio brincou com o sol, ao colorir o milagre de suas *niñas*?

* * *

Minha vizinha, todas as manhãs recebia a sua visita adorável: com a sua meia-língua, Carminha conversava comigo, ria e fazia ronda em torno dos meus quadros, colocados no gabinete. Eram os seus *bichos* e seus brinquedos inacessíveis: aquela cabeça de velho era o vovô; aquele nu feminino, a *mamãe*, pela sugestão do seio nu...

XIII

NOELLY – Dez meses apenas de vida. Idade seráfica de um sorriso...

Vendo-a, sinto-me invadido por uma onda suave de ternura.

Quanta doçura de céu para a amargura da Terra!

Não me estranha. Vem para os meus braços. Bate-me no rosto, risonha e louça. E, tendo-a junto do meu coração, fico ancho, numa vaidade que santifica: estou sobraçando um fardo de seda, sustendo um mundo que pesa mais que uma pluma e menos que um sonho.

Beijo-a na fronte: recebo um aroma da Eternidade!

Noelly possui o dom de florescer a minha origem divina, despertando em mim uma alegria ingênua de alma que já cantou, talvez, num passarinho...

XIV

MYRIAM – Loura, rechonchuda como um anjo dos que sorriem e voam nas telas dos pintores místicos italianos; olhos azuis, como se o céu em miniatura se espelhasse no círculo das pupilas; Myriam, com toda a doçura oriental de seu nome luminoso e suavíssimo, é um mimo de graça, de candura e de garrulice.

Tem o encanto e o mistério de uma vida que irrompe, à feição de uma rosa que se entreabre, sorrindo, à carícia do sol, na sinfonia cósmica das manhãs no trópico...

Dir-se-ia uma ave que se fez criança. Quando fala, gorjeia. Sua existência é um idílio divino, uma luz de aurora que se refugia nas corolas das faces angélicas.

Criança, irradiando o milagre da castidade, no devaneio sutil da inocência, é frágil como uma boneca de Saxe e linda como um sonho.

Myriam! A sonoridade, que lhe vem do nome, infunde à sua presença lirial, toda a beleza audível que deriva desse verbo único: cantar!

Doce, seráfica visão de ouro e rosa, humanização de to-

das as cousas frágeis e humildes que se aveludam no mundo e esplendem no espaço!

Myriam, rosa de carne, beijada pelas doiradas abelhas da luz, sugeres-me todos os primores divinos da Criação, e, no teu ser, sinto o influxo enigmático do destino de todas as doçuras que tecem os sonhos e as almas na Terra...

Quisera conhecer a linguagem dos sons, que te transformam em pássaro, e a espiritualidade diáfana do teu dom de mariposa, para exaltar, em ti, o prodígio da infância e a pureza, o sorriso, a meiguice que te nimbam, como se fossem a encarnação de uma manhã no Éden...

A minha pena precisaria das tintas de um céu branco e cantante de ritmos, para descrever e dignificar a tua virgindade de criança e o teu destino de flor perfumada de graça infinita.

Myriam! – Para te louvar, basta que decline apenas o teu nome...

XV

MARIA CECÍLIA PEDROZA – Rosto de boneca e graça de flor. Loura, suave e linda.

No seu olhar há um céu brincando... Na boquinha mora-lhe um sorriso que já foi sonho e tem agora a mais casta, a mais doce alegria. E quando fala, modula um segredo contente de passarinho que risse na tagarelice dos gorjeios.

É um prodígio pequenino de ternura.

Quanta doçura e carícia no seu nome!

Maria Cecilia... quase Virgem Maria, por virginal encanto de ser menina.

Em seu louvor posso, sem receio de profanação, parodiar a mais pura das orações, e dizer-lhe:

– Avezinha Maria Cecília, cheia de graça, o Senhor esteja sempre contigo!

PUNHADO DE FLORES

Em cada criança há um sorriso de Jesus.

O dia de Natal, celebrando o nascimento do suave bebê divino, tem o dom de fazer de cada lar um presépio, onde surge a sua árvore miraculosa, cujos frutos são presentes e brinquedos, que se tornam o tesouro e a alegria da infância.

Não temos a neve, que tece uma paisagem casta, como sorriso panorâmico da inocência, para lhe caracterizar a festa seráfica.

O sol adusto de dezembro faz da noite maravilhosa uma apoteose do verão. E, sem carecermos de atizar o lume na lareira, o calor abrasa o ambiente e transforma cada co-ração numa pira votiva...

O Natal brasileiro é, assim, uma festa de sol, uma grande alegria luminosa.

No sertão, em pleno regaço florente da natureza tropical, essa noite de prodígio acende no espaço a árvore simbólica de cujas ramagens diáfanas pendem os pomos de luz – as estrelas. E a gárrula criançada cabocla sorri a esse deslumbramento espetacular.

À meia-noite o sino tange um riso boêmio de fé ingênua – convite para a missa do galo.

Toda a doçura da nossa raça floresce e canta, canta, tornando esse dia suave das crianças a expansão de um júbilo angélico.

O mundo, nesse dia de enlevo cristão, torna-se uma vasta casa de brinquedos. Desaparecem todas as dores. Dissipam-se as mágoas. As tristezas fogem por encanto.

A Terra se transforma num grande bazar. Reina a alegria, e em tudo sente-se o prestígio do milagre de Belém.

Dir-se-ia que todos regressam ao estado inefável da puerícia: voltamos a ser crianças, pelo dom benévolo das recordações.

É o retorno à idade feliz, numa efêmera viagem maravilhosa, pelo sortilégio de reviver, no passado, o sonho insondável da vida. E, à magia das doces reminiscências, de novo habitamos a casa paterna, adormecemos no colo da frágil

avozinha, que nos conta histórias de princesas encantadas, fadas louras, monstros e dragões flamejantes.

Natal! Um sino a cantar dentro do coração, uma árvore de sonhos que floresceram, vinte e quatro horas que passamos recordando tudo quanto nos sorriu na meninice...

* * *

Fábulas. Lendas. Histórias da Carochinha. E todo esse mundo iluso, todas essas cândidas maravilhas povoam a nossa mente, pela saudade dulcíssima que o Natal nos desperta.

Lembro-me ainda desta lenda dos nossos índios, com que minha mãe preta me incutia o gosto precoce da fantasia:

O MACACO E A COTIA – “O macaco foi dançar em casa da cotia; a cotia, de sabida, mandou o macaco tocar, dando-lhe uma viola. Começou a cotia a dançar e, no virar à roda, deu uma umbigada na parede e partiu o rabo. Todos os que tinham rabo ficaram, vendo isto, com medo de dançar.

Então o preá disse:

– Ora vocês estão com medo de dançar! Mandem tocar, e vão ver obra!

O macaco ficou logo desconfiado, trepou num banco e pôs-se a tocar para o preá dançar.

O preá deu umas voltas e foi dar uma umbigada no mestre macaco, que não teve outro jeito senão entrar também na dança das cotias e dos outros animais, e todos lhe pisaram no rabo.

Disse ele então:

– Não danço mais, porque compadre preá e compadre sapo não devem dançar pisando no rabo dos outros, pois eles não têm rabo pra nele se pisar.

Pulou para cima da janela e de lá tocava, sem ser incomodado”.

Hoje o compadre macaco, em vez de tocar viola, diri-

ge um *jazz*...

* * *

Carlos B. Quiroga em *Insectos por el viento* tem este luminoso e suave conceito:

“Perguntaram-me se há mais beleza nos cantos de Homero que no sorriso de uma criança, e eu não soube responder”.

Nem eu o saberia...

* * *

Olavo Bilac, o poeta divino, também fez versos para a infância. E os nossos melhores livros didáticos são os que fez de colaboração com a prosa poemática de Coelho Neto. E deste é a obra angustiosa e impressionante – *Mano*.

Em *Minha filha* Afonso Celso escreveu, talvez, a mais bela obra de emoção paternal que existe em nosso idioma. E Maria Eugenia Celso, sua filha, em *Vicentinho* produziu, no gênero, uma das obras-primas da literatura universal: é um poema da maternidade que só a saudade de uma mulher, que foi mãe, poderia sentir, chorar... e escrever.

Vicente de Carvalho, o lírico egrégio, também nos entenece em *Luizinha*, breviário sentimental. Luis Carlos, o poeta sereno de *Colunas*, escreveu as estrofes angélicas de *Minha filha*. Félix Pacheco sorri toda a sua doçura sentimental em *Inezita*.

Monteiro Lobato, depois de fazer a delícia dos marmanjos, com livros de projeção além das fronteiras, converteu-se em nosso Andersen, fazendo adoráveis histórias e fábulas para o encanto das crianças.

* * *

Não posso deixar no esquecimento o nome sonoro de

Alcindo Guanabara, príncipe dos jornalistas do seu tempo: barbado e feio, alto e magro, com o seu tipo de cipreste e a sua visão de fantasma, metia medo às crianças... Mas as adorava. Na imprensa e na tribuna foi o seu paladino, tendo sido o primeiro a bater-se pelas legislação que veio depois ampará-las. O Código de Menores nasceu do seu afã apostolar. Sem a sua palavra em prol da infância desvalida não teria sido possível a ação benfazeja do juiz Melo Matos.

* * *

CARETA... DE ANJO – A graça das crianças só encontra correlação com a alegria das aves. A precocidade infantil manifesta-se em todos os sentidos, variando em cada caso e tendo sempre uma agradável surpresa e um novo enlevo.

São elas, com a sua frágil presença, os seus sorrisos, gestos e travessuras, o maior encanto da Terra e a festa floral da Vida.

Nessa idade inocente, tudo é sonho e mistério. Dir-se-ia a transição do estado seráfico para o estado humano, ou um período semelhante à expansão vegetal de um arbusto, ao ser tocado pelo dinamismo germinal, fazendo-se flor para depois ser fruto...

* * *

Vede a expressão gaiata do rosto de Terezinha Speers. Quanta jocosidade existe nesta caretinha... de anjo, nesta adorável carantonha! Uma comicidade ingênua, espontânea e admirável, que nunca seria capaz de ter uma pessoa adulta.

Esse ar jocoso, de um chiste original e irresistível, irrompeu por momice instintiva e por chiste instantâneo. Não há esforço, pose estudada, arranjo ou combinação de efeito teatral, enfim, o cálculo apriorístico do jogo fisionômico do ator em cena ou do marmanjo hábil e pré-convencido do resultado de sua palhacice; no jogo da mímica pueril há, ao

contrário, uma hilariante improvisação que se desenha por um traço caricatural efêmero e impulsivo, inconsciente de que vai ser fixado pela objetiva de um fotógrafo, apanhando um raro e esplêndido flagrante.

Essa grácil figurinha de diabrete vale, certamente, pelo melhor dos gestos de um *clown*, pela mais inesperada atitude grotesca de um Carlito cinematográfico ou pelo trabalho impagável de um Piolim, delícia de grandes e pequenos, na Paulicéia. Essa menina paulistana, de origem anglo-saxônica ao que suponho, será, julgando-a pela prova de agora, um prodígio no teatro ou no cinema, em papéis caricatos. Realmente, é deliciosa a gaiatice de Terezinha.

Não conheço nada mais encantador que um rostinho de bebê ao fazer cara feia... Terezinha, com a sua garrulice, nessa fresca, inimitável e casta expressão cômica, fez a mais suave, a mais linda, a mais angélica das caretas.

AS CRIANÇAS E OS POETAS

I

Numa radiosa manhã de dezembro, que é o mês suave da infância, por ser o do Natal, o carteiro me trouxe correspondência de país distante, era uma luminosa missiva de um amigo querido – Miguel Rasch Isla, insigne poeta da Colômbia. Li com avidez essa carta, que vinha perfumada pela distância e pela alma de quem ma escrevia. Dentro dela me viera uma delicada lembrança do grande lírico; lembrança que me beijou o coração e me enterneceu quase até a efusão das lágrimas. Uma fotografia com um retrato de duas lindas crianças, grupo angélico de dois pássaros humanos: Alfonso e Lucila, filhos do poeta.

A *kodak* os focalizara num momento de expansão infantil, quando um sorriso auroral lhes alegrava o semblante. Ao fundo do grupo destacava-se uma tina bojuda, repleta de florida vegetação, como se as flores e as crianças formassem uma só harmonia.

Li, então, a amável dedicatória: “*Para Saúl de Navarro, grande amigo de papá, recuerdo de sus amiguitos lejanos*”.

Foi uma indizível alegria íntima a carícia dessas palavras, que vibraram em mim à maneira de um gorjeio, como se nelas se resumisse o arrulho de todas as doçuras da vida e a doçura de todas as sutilezas do mundo.

É que, nesse gesto seráfico, resplandecia a graça que nimba a infância, e triunfa a força invencível da inocência. Tive a sensação indefinível de receber a carícia do Futuro, pois nessas bonecas de carne alvorece a esperança, floresce a vida, canta o enigma do destino e sorri, fulge e perfuma o anelo de renovação que faz a dinâmica maravilhosa do Universo.

Quem pode amar e compreender as crianças senão os poetas, que são eternas crianças, que não se desencantam com a dúvida e que brincam com as rimas – homens ingê-

nuos que se deixam levar pela candidez da ilusão ou pelo sortilégio dos sonhos?

Os poetas e as crianças são, portanto, almas que se combinam, aves que voam em bando, flores que se confundem na Terra e ritmos que se integram no espaço.

Alfonso e Lucila são as rimas do coração de Rasch Isla.

Quando o poeta me escreve e dialoga comigo à distância, os filhos se lhe aproximam e colaboram nas cartas que me envia, porque, nas palavras que vêm até a mim, há, em sua sonora beleza, no fulgor das ideias que encerram, na sua vida das almas que as expressa, o influxo misterioso da presença daqueles seres meigos, que parecem a encarnação dos anjos murilescos.

A voz paterna descobre-me o segredo dessa divina influência:

“Como verás, son todavía dos pichoncitos, pero, con todo, ya no caben en la casa de inquietos y malcriados. Cuando ven que tomo la máquina y me pongo a escribir, se me sientan cerca, cada uno a mi lado, y empiezan a molestarme con sus preguntas curiosas y a veces incontestables. Yo los dejo, porque pienso que si alguna idea no común brota ocasionalmente de mi mente, debe quizá a la presencia de estas criaturas inocentes y leve y cuyos ojos sorprende infinitas ternuras y a cuyo calor y contacto he aprendido a comprender y a amar todas las cosas frágiles de la vida”.

Essa linguagem transluz a bondade e o carinho paterno, mas também nos descobre a alma sensível e diáfana do exímio poeta, cuja musa bebe, por vezes, nessa fonte puríssima e penetra no arcano insondável da castidade, num voo grácil de falena.

Os versos, que o amor paternal lhe inspira, brotam do seu coração e lhe cristalizam o sentimento.

Seu filho Alfonso, em “Abril florido”, ilumina o de céu:

Vástago de mi estirpe acongojada
que vienes hoy a continuar mi vida,

y a poder, en mi ruta aridecida,
tas frescores ablentes de alborada;

eres mi sangre en flores transformada,
mi impureza en blancura convertida,
y eres mi alma, infeliz v resentida,
en las más puras fuentes depurada.

y a que el Señor, queriendo consolarme
de mi estéril vivir, dispuso darme
en tu cándido ser, brote vidueño,

Crece, combate, vibra, ama, fulgura,
a ver si al fin, sobre La tierra impura,
logro coronar en ti mi último sueño.

“El primer passo”, é outro magnífico soneto, inspirado pelo mesmo filho, quando, pequenino, ensaiava caminhar, vacilando ao mover-se para manter o equilíbrio em linha vertical, a fim de começar a peregrinação pela existência, na ânsia humana de empreender a jornada desconhecida...

Con paso que el temor hace indeciso
inicias hoy, sobre la tierra aleve,
la marcha incierta, prolongada o breve,
que el designio de Dios fijarte quiso.

Me invade al verte andar miedo imprevisto
pites no sé a dónde el porvenir te lleve,
y en cada avance de tu planta leve,
píer des un palmo más de paraíso.

Si por la gracia del amor, pudiera
un gran milagro obrar, con dicha cuanta
en tu inocente edad te retuviera.

Mas, si no puede ser, el pie adelanta,
pero con suavidad, como si fuera
mi alma la tierra en que hundirás tu planta.

Sua filha Lucila comove-lhe a alma e faz estremecer
todas as suas fibras, como si a visão celeste, adormecida no
berço, no sono castíssimo da inocência, lhe inspirasse uma
pincelada rafaélica ou como se a musa lhe tornasse a lira
num arrulho de rosas que sonham ao crepúsculo.

ANTE SU CUNA

I

Me acerco tembloroso ante su cuna
Y me quedo mirándola. Semeja,
Más que un ser, un vallon, una madeja
de luz, un haz de lirios de la tuna.

¡Pobrecita! me digo – La Fortuna,
se detendrá a cantar junto a su reja?
De repente dormida ella se queja
Quizás mi pensamiento la importuna.

¿Qué le reserva el porvenir? ¿Quién sabe!
Nadie puede medir todo el arcano
que en una vida tan pequeña cabe.

¿Me la herirán talvez en el camino?
¿acaso Dios me le dará la mano?
y me pongo a llorar, pues no adivino.

II

Hija: cuando presumo que algún día
serás mujer, el pecho se me inunda
de un oscuro temor, de esa profunda
piedad que. de tan honda, es agonía.

Temo y me aflige que la suerte mía
su infortunado horóscopo te infunda,
que mi dolor te tina a su coyunda
y a su inquietud de mar mi alma sombría.

Temo de todo y todos: de la humana
maldad y de ti misma; del mañana
Y de Dios, contra el cual tanto he pecado.

Es que. una voz me dice en su anatema:
justo es que el árbol que emponzoña, tema
ver-se en sus propios frutos castigado.

Miguel Rasch Isla, nesses versos de sublimada estética e de ascensão mística, exalta-a com infinito amor, revelando a elevação sideral de sua alma eleita de poeta.

Jesus amava os pequeninos e os chamava para perto de si, porque foram e são a mais bela, a mais pura, a mais perfeita encarnação da poesia. Sem as aves, as flores, as estrelas, as crianças e os poetas, a vida seria um castigo sem remissão e o mundo, um deserto sem o afago visual das miragens, – cousas e seres indecifráveis e eternos, que representam, com o canto, o perfume, a luz, a graça e o ritmo que deles dimanam, o sorriso divino da Criação e o eflúvio eterno da Beleza.

II

Amaral Ornelas, alma radiosa de poeta, cuja saudade mora no meu coração, formulou, no transe lacerante de sua dor paternal, ao perder uma filhinha, estas

DUAS PERGUNTAS

Minha Eunice nasceu. Foi-se o desgosto, a pena,
E o mundo eu contemplei de um cimo de mon-
tanha.

Perguntava a mim mesmo: Ela, que é tão pequena,
Como pôde trazer uma afeição tamanha?

Quando partiu, rolei... Em baixo a dor, a ruína;
Em cima a quietação, a paz, tudo que dorme.. .
Indago de mim próprio: Ela, tão pequenina,
Como pôde deixar uma saudade enorme?

III

Francisco Suave, meu sócio sentimental, meu irmão
em doçura franciscana e piedade cristã, espécie de metade
lírica do meu coração, escreveu estas cinco trovas, que lhe
rimam a alma sensível:

I

EVANGELINA

Foste um Evangelho em flor,
O canto d'alma em surdina.
Mas tendo todo um frescor
De céu, nuvem e neblina...

II

HERCULANO

És o meu anjo da guarda.
Flor astral, celeste nume...
Tua luz sempre me arda
Em doce e vago perfume!

III

HUGO AFONSO

És meu querido verdugo,
És meu suave tirano!
Talvez porque sejas Hugo,
Mais celestial que humano...

IV

FRANCISCO

É filho de pescador,
Riso que nasceu do mar!
Mas sem que sentisse dor,
Mas sem dela se lembrar...

V

MARIA DULCE

Vida de beleza plena,
Embora bem pequenina...
Mas que graça tão serena
A dessa luz tão menina!

CANÇÃO DE MÃE PARA ADORMECER...

Dorme, dorme, filho! Dorme!
Dorme, meu filhinho... Dorme...
A tua mãe está aqui,
Aqui estou eu, aqui.

Dorme, dorme, filho! Dorme!
Dorme, meu filhinho... dorme...
Estou te vendo a dormir.
Estou te vendo a sorrir...

Dorme, dorme, filho! Dorme!
Vida, meu sonho sossega!
Tua mãe nada te nega!

Dorme, meu filhinho... Dorme...

IV

Da Costa e Silva, grande e profunda alma de poeta substancial, tem, em *Verônica*, livro dedicado à memória da primeira esposa, um tríptico de sonetos magistrais, onde

canta os seus três filhos.

OS DEUSES LARES

I

Márcio, flor do meu ser, fruto do meu amor,
Eu, que tanto sonhei, tanto lutei e tanto
Sofri para viver, não vivera, entretanto,
Se rne não desse Deus em ti um sucessor.

Que ventura a que sinto, às vezes, ao supor
Que a seiva do meu sangue e o orvalho do meu
pranto,
Com o espírito de um sábio e o coração de um santo,
Me farão reviver na tua vida em flor!

Possas tá conseguir o fugitivo encanto
Da glória, que busquei no perene verdor
Da coroa de louro ou da palma do acanto.

Que em ti germine em luz a semente de dor
Que ao destino atirei, para que, no teu canto,
Bendigas em teu pai a mão do Semeador.

II

Mário, meu filho, em ti lembro, a todo momento,
A doce companheira, a mulher singular
Que, pela inteligência e pelo sentimento,
Era a luz, a alegria, a graça do meu lar.

Como suave consolo ao meu rude tormento,
Na impressão do sorriso e na expressão do olhar,
Evocas, sem saber, num sonho vago e lento,
Aquele a quem amei, amo ainda, e hei de amar...

Órfão do seu afeto, herdaste o seu encanto,

Para mais me enlevar, para mais me prender,
Como se eu, como pai, já não te amasse tanto.

Mário, eu vivo por ti, mas não queiras saber
Quando, fitando os teus, baixo os olhos em pranto,
Se estas lágrimas são de dor ou de prazer.

III

Benedito, meu filho, em teu sonho impoluto,
Que não possas prever, nem sentir, nem supor
Que, ao nascer, foste logo enfaixado de luto
E embalou o teu berço o anjo da minha dor.

Eu, que de cada filho o destino perscruto,
Fico a pensar em ti que, embora humano, por
Uma lei natural, tem a sorte do fruto
Que, na ânsia de crescer, causa a morte da flor.

Se no signo fatal que trouxeste medito,
rogo a Deus, como pai, para te conceder
As virtudes e os dons do meu sonho infinito...

Se nasceste infeliz, deves feliz viver,
Para com fé e amor, bendizer, Benedito,
Aquele que morreu porque te deu o ser.

Oliveira e Silva, num adorável opúsculo – *O Poema da Humildade* canta motivos de infinita doçura. É dele um poemeto que sempre releio, porque lhe encontro uma beleza renovada cada vez que me gorjeia à sensibilidade. É uma pequena maravilha esse trecho de psicologia infantil, em que revela a dor de um menino pobre diante de um desejo impossível:

A CASA DE BRINQUEDOS

Diante da casa de brinquedos, rica

Do que reluz, em profusão e graça,
Sonhadorzinho namorando-a fica.

A avenida se estende, tumultuosa,
Com a multidão que, alegremente, passa,
Na frescura da tarde luminosa.

O garoto arregala os olhos incendiados
De desejo, vorazes e singelos.
Quantos brinquedos! espadins garridos;
Pandeiros; ursos grandes, amarelos;
Trens que podem correr, velozes e compridos ...
Saltitantes, joviais polichinelos!
A casa de magia! a alma se lhe atormenta,
Cobiçando-a, assustada, enfeitiçada.
De quando em vez, as pálpebras se molham.
A multidão desce, ligeira, desatenta
Àquela angústia que não pede nada.
São senhores falando, em largos gestos;
Mulheres elegantes, que o não olham;
Pequenos que, com as mães, saem, sorrindo.
Do bazar cheio, carregando, lestos,
O trem que apita, corre, e o pandeiro tão lindo!

Esfria a tarde. O céu se turva, de repente.
Chove. Grupos dispersam-se, surpresos,
Atropelando o coitadinho roto.
A chuva, grossa, cai torrencialmente.
Gritam buzinas. Os faróis acesos
Dos automóveis riscam a penumbra.
A avenida esvazia-se – Ninguém.
Imóvel e cozido à parede, o garoto
Namora ainda aquele sonho que o deslumbra.
A noite vem...

V

Gastón Figueira, poeta também uruguaio, escreveu um livro suavíssimo *Para los Niños de America*, exortando os à doçura da fraternidade. E é dele esta oração tão bela quanto profunda e simples:

ORAÇÃO PELAS CRIANÇAS

Oh Jesus! Dá às crianças tão-somente belas flores e guarda os espinhos para mais tarde. Trata de que não conheçam ainda o temor da vida.

Elas vêm ao mundo para trazer a esperança, para dar-nos a alegria. São anjos-poetas que enobrecem o homem com um só dos seus sorrisos.

Faz, pois, que tudo seja para os seus belos olhos um motivo de ventura, um novo encantamento, uma nova alegria ...
Aumenta, se é possível, a nossa dor; de poetas que podemos amar a nossa agonia; e guarda para elas todo o mel do mundo, porque as crianças vêm a fazer com que se ame a vida.

O MAIOR TESOURO

Um antigo poeta japonês cantava: “Para que quero eu gemas, ouro, riquezas? Não há tesouro mais precioso que uma criança”.

O amor pela criança é o lirismo da Terra e do Céu, o madrigal com os segredos que ainda estão sorrindo no sonho

breve da vida... Que vale o maior tesouro ao lado de uma criança? Nada. Porque nela está florescendo o milagre da Criação. No seu olhar inocente encontra-se toda a doçura celestial. No seu sorriso de flor, todo o encanto da Natureza. Na sua voz articula-se o idioma angélico dos gorjeios, cantando o prodígio do Verbo, que é Deus animando o Universo, irradiando a sua carícia eterna.

Todas as riquezas, por mais fabulosas, se anulam diante de um sorriso de criança. Quando Jesus nasceu surgiu uma estrela no Céu, assinalando a sua vinda. E surge sempre uma estrela quando se nasce, porque há em cada vida que se inicia um sortilégio do Criador. A infância é o estado semidivino da criatura, sorrindo na sua candura uma reminiscência do Paraíso, porque o Éden não é senão a paisagem alegórica do nosso passado seráfico – uma saudade sem dor...

O QUE VEJO E SINTO NAS CRIANÇAS

A criança é sempre um sorriso da Eternidade... Nos seres inocentes canta a alegria divina da luz que se tornou alma.

Floresce nela um segredo astral.

Invade-me um sentimento profundo do Infinito quando uma criança me sorri ou me afaga. Em seu olhar, onde a luz tem a pureza de sonho sideralizado pelo mistério da vida, recebo a suave carícia da graça que lhe dá angelitude. O olhar da criança possui a força eterna de um enigma. E quando ela me sorri parece que o mundo se torna para mim mais belo, porque a beleza do mundo se concentra no mistério. O sol só ao nascer é que fecunda o lodo e faz irromper as rosas... Toda aurora é um ato de renovação e aperfeiçoamento.

* * *

Jesus menino, na evocação dos Evangelhos, ilumina as paisagens e as almas simples da Galileia e tem a doçura seráfica de um jogo sutil de sorrisos divinos.

A sua infância serviu de tema para os primores da Arte, que lhe recorda todos os encantos: a cena da manjedoura, quando nasceu; a adoração dos Reis Magos; o seu enlevo sentindo, ao colo de Maria, o carinho materno; a fuga para o Egito; enfim, todos os episódios de sua vida insonte de criança.

A figura de Jesus infante, ao lado da Mãe predestinada, possui, em sua candura imagética, a beleza suprema, porque se torna uma expressão diáfana do Infinito...

* * *

Somente na infância vivemos felizes, porque ignoramos... Não sabemos nada ou, melhor, não temos ainda uma vaga ou remota noção do que já fomos, nem nos atormenta a dúvida do que viremos a ser.

Por que nos entristece um velho? Porque se nos apresenta nele o passado. E todo o passado sugere uma dor que já vivemos.

Por que nos alegra uma criança? Porque a criança nos dá uma sensação do futuro, que sempre nos desperta a esperança de uma alegria ainda não conhecida...

E vendo-a, perpassa em nossa mente, num relance fulgural de reminiscência, a nossa queda, acudindo-nos à lembrança o tempo em que éramos somente espírito, somente anjo, isto é, sem nos revestirmos da matéria, de invólucro carnal, que nos chumba à Terra, como a ave cativa que, tendo asas, sofre a nostalgia do espaço. Nós então sentimos, porque temos as asas invisíveis da alma, uma saudade enorme do Céu...



II **BANDO DE ALMAS** **PEQUENINAS**



A primeira comunhão
de Maria Cecília



Um semblante
cismativo...

Conheci-o. Era uma encantadora criança, tendo a graça do mistério – a inocência.

Certa vez, indo a Belo Horizonte, fui ao lar tão brasileiro em que era Ubiratan o maior tesouro. E como sou doido por crianças, talvez por que o seja ainda, na minha aversão à disciplina e às cousas graves, fiquei encantado ao vê-lo tão lindo, tão inteligente e tão alegre. Fiz-lhe um aceno de carícia e ele, rindo, com o seu passinho incerto, como ave andando, veio, de braços estendidos e júbilo na face de anjo, em direção a mim. Beijei-o enlevado e pu-lo sobre os meus joelhos. Não me estranhou. Ficou alguns momentos, naquela posição. E durante o tempo em que o segurei senti todo o influxo celestial de sua presença, como se estivesse em meu poder a mais bela e suave ventura da Terra!

Parou somente alguns minutos no meu colo, porque Ubiratã, como toda criança esperta e sadia, tinha a ânsia do movimento. E, tagarelando o seu idioma da ternuras, na sua adorável meia língua, suprindo as palavras por sorrisos, desceu dos meus joelhos e foi para o assoalho, a engatinhar a sua inquietação de passarinho...

Depois, quando o meu caro Álvaro Bomílcar se transferiu para o extremo Norte, não soube mais notícia de Ubiratã, da pequena maravilha de candura e inteligência que fazia a felicidade de seus pais. Nascera distanciado em cerca de quinze anos de seus irmãos: veio ao mundo de surpresa, causando aos pais, já sorrindo à iminência do primeiro neto, a mais deliciosa das estupefações... E em cada dia de vida lhes dava uma alegria nova. Viveu três anos sorrindo e surpreendendo o coração dos pais. Ubiratã estendia para todos os seus bracinhos e lhes sorria, como se fosse a encarnação de um anjo, desses que fulgem e riem, voam e seduzem nas telas dos primitivos, fazendo ronda de asas e sorrisos às madonas nimbadas de beatitude e serena alegria divina...

Mas Ubiratã morreu. Em 18 de julho de 1926, há um ano! – uma rápida e fulminante doença o levou da Terra e fez desaparecer o mais belo sorriso humano que os meus olhos já viram!

Ubiratã, cujo nome tupi me dava uma sonora sugestão de carícia, à guisa de beijo perfumado de selva brasílica, trazendo a doçura, o mistério e a poesia de uma raça virgem; Ubiratan voltou ao Céu, retornou ao Paraíso. Cumprira, em três anos de vida pura e ingênua, a sua missão suave: sorrir. Viveu-os sorrindo, como luz de um sonho e flor sidereal de outros mundos superiores...

Quando, no silêncio profundo das noites tropicais, olho as estrelas sorrindo no espaço, alheias às dores e misérias da Terra, penso que são crianças e que brincam, fazendo, no espaço infinito, os seus jogos pueris.

E em meio delas, fulgindo a sua graça e sorrindo na luz, estará, por certo, a alma de quem neste planeta se chamou Ubiratã...

ANJO ENFERMO

(13-5-1932)

Vi hoje, pela manhã, num leito de hospital, minha sobrinha Maria Helena, que fora operada na véspera. No seu doce olhar azul de criança havia uma alegria consoladora. Afaguei-lhe o rosto e ela me sorriu serenamente. Foi-me gratíssima surpresa o encontrá-la assim, porquanto temera pelo resultado da operação urgente, realizada à noite, circunstância essa que ainda me dramatizara o susto. Mas o mestre desse caso cirúrgico foi coroado do mais rápido êxito. E ela, aliviada e tranquila, me surgiu quase feliz, com a mesma doçura de tristeza precoce, no seu leito de anjo enfermo. Diante desse resultado tão imprevisto quanto desejado, o meu júbilo expandiu-se num paradoxo do coração: chorei de contente!

A SAUDADE DE UMA CRIANÇA

A sabedoria é um dom que nasce conosco, um bem

que nos vem do alto e de muito longe... Talvez um aroma na alma que desperta na Terra. Que é a inteligência numa criança viva, esperta, travessa? O dom divino da precocidade, que não é senão uma recordação de outra vida, um clarão de outro mundo já percorrido.

Humberto de Campos divulgou, há muito, com a louçania do seu estilo, esta curiosa e verídica passagem: na presença de uma linda criança, que estava triste pela ausência do pai, sentindo muita saudade, fez-lhe esta pergunta: – Saudade? Sabe o que é saudade?

Fez-lhe essa pergunta difícil de algibeira. Mas a menina deu, genialmente, esta resposta de coração:

– Saudade é vontade que volte...

O que os mestres da poesia da língua nunca puderam precisar com o seu conhecimento adulto e experiência lírica em cantá-lo, essa menina saudosa, num improviso do seu coraçãozinho, definia como nunca ninguém o fizera!

Vontade que volte... A saudade é isso.

A MENINA QUE MORREU DE MÁGOA...

Ainda me lembro. Foi uma cena que se passou em Lages, cidade de Santa Catarina, sorrindo ao horizonte, e cujas peras deliciosas têm o sabor da doçura de seu clima...

Ainda me lembro desse episódio de minha infância, que jamais se me apagou da memória.

Perto de minha casa sorria a graça angélica de uma menina de três anos, meiga e loura, de olhos de azul suave e cabelos de crepom em madeixa. Espiava-lhe o encanto, com o meu enlevo de criança que recebesse uma carícia de sol nascente.

Um dia soube que havia falecido esse sorriso louro de lenda. Indaguei de que doença fora vítima aquela vida de rosa entreabrindo em sorriso de inocente alegria. E a resposta para o meu comovido anseio interpelativo foi esta inesperada solução que nada me dizia, dizendo tudo: morreu de tristeza...

Tristeza? Como poderia morrer de pesar um júbilo cândido de três anos?

Decifrou-se me o enigma daquela resposta, quando me esclareceram com minudência a causa daquela morte de uma alegria pequenina: a mãe lhe ralhara e lhe ameaçava com o castigo de uma palmada, sem que a filha merecesse punição tamanha para uma falta inexistente; e ela coitadinha! – sensível ao extremo, de uma frágil e tímida candura, não sobreviveu àquela severa “crueldade”, que lhe ferira a alma, embora lhe não doesse: adoeceu e morreu de tristeza...

Foi o mais lindo enterro que já vi: todas as crianças da cidade serrana, sorriso panorâmico que ainda se me abre na retina, foram, em fila dupla, levar aquele féretro de cinco palmos nas palmas de suas mãos minúsculas, até o campo santo, em cujo silêncio lúgubre foi sepultado esse sorriso de 3 anos...

A tristeza matou-a, disse-me alguém, naquela remota delícia de minha meninice. E ficou o perfume de uma lenda para sagrar o martírio dessa criança que morreu de mágoa.

A DOÇURA AZUL DE UNS OLHOS DE CRIANÇA...

Diante de Renata, anjo louro de olhos azuis, recebi a carícia inefável de um céu florindo no encanto seráfico da inocência...

Fiquei horas esquecidas na contemplação extática do mais suave dos assombros. A criança olhava para mim, com a galanteria ingênua do sexo que lhe madrugava na beleza serena e inconsciente. E sorria-me, diluindo ternura no movimento dos lábios que brincavam. Sorriso de flor rociada do alvorecer, retendo ainda o beijo tênue do sol nascituro, que encerra toda a virgindade da luz.

Mas nos olhos, de um azul puríssimo, – tinta ilusa dos longes – é que havia a cerúlea doçura que me encantava e me fazia pressentir o Paraíso.

No seu olhar tão distante morava um sonho angélico, e

onde, talvez, fulgisse uma saudade divina... E bebia essa luz que me vinha de tão longe. Saciava-me de céu nesse luminoso milagre encarcerado naquelas pupilas meigas, docemente veladas pela seda flava das pálpebras sutis.

Uma alegria infinita cantava dentro do meu ser, como se, naquele instante único, trinasse um júbilo de pássaro escondido no meu coração...

E a adorável menina, apenas com a sua caricial presença, pelo fácil prodígio dos olhos azuis, fez-me conhecer a mais casta das delícias.

Olhando-a e olhando-me, operou-se, numa rápida maravilha, todo o sagrado poema sem palavras, na adoração silenciosa por essa beleza insonte, que proporcionava a graça virginal de me desprender da Terra, para me saturar de azul, que antes de povoar aqueles doces olhos de criança, estivera era cisma no espaço...

PIRRALHICES

Cão e gato em francês

Maria Flor (3 anos) vai, acompanhada da ama, em visita a uma vizinha.

Ela já sabe francês! – esclarece a sua guardiã solícita e gentil.

Maria Flor abre um sorriso de modéstia encantadora.

A vizinha, com ternura curiosa, pergunta-lhe:

– Como é mesa?

– *Table* – responde logo a sabichudinha.

– Cadeira?

– *Chaise* – diz a pecurrucha com segurança e presteza.

– Cachorro?

– Ah! Cachorro... eu não sei!

A criada intervém:

– Papai já ensinou.

Maria, depois de matutar um pouco, confessa:

– Não; não me lembro.

– E gato? – pergunta a vizinha.

Maria Flor assegura com pronta convicção:

– Ah! Gato papai não me ensinou!

– Pois gato é *chat*...

A menina conclui:

– Ah! então cachorro é café!

O TIRANO DE UM DIA

Dia do aniversário de Rubem (5 anos)

O pai ao almoço, exclama, num grande gesto efusivo de paternal alegria:

– Hoje o dia é de Rubem!

E virando-se para a esposa esclarece:

– Tudo que ele quiser se fará.

A mãe risonha e feliz pergunta ao filho adorado:

– Que você quer?

– Ir ao cinema!

E como aviso, diz com deliciosa petulância:

– Mamãe já sabe que eu só gosto de filmes impressionantes!

E o tiranozinho foi ver, com o papai e a mamãe, o mais impressionante dos filmes – *O crime da rua Morgue*...

CHEGAR NA HORINHA...

Conheço um caso autêntico, que demonstra a presença de espírito numa adorável menina de quatro anos.

Maria Lilia é um encanto.

Muito agarrada aos pais, que a adoram. Não os deixa, tendo sempre uma graça nova para enfeitiçá-los.

Uma noite, tendo de ir ao teatro, fazem-na adormecer carinhosamente e, pé ante pé, sem fazer o menor ruído, se dirigem à porta da rua, para sair. E ficam surpresos: Maria Lilia os seguira sem ser vista e estava a postos, exclamando com a mais angélica das ironias:

– Cheguei mesmo na horinha...

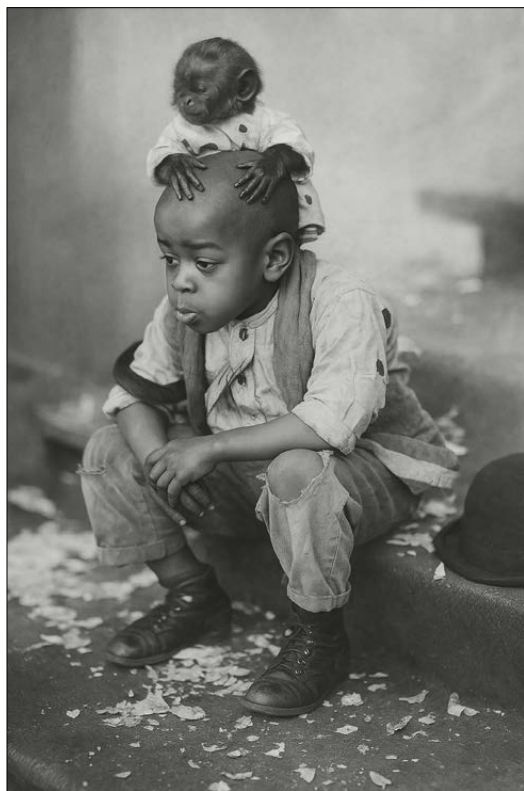
Beijaram-na risonhos e comovidos... e desistiram do teatro.



III FLORILÉGIO DE GRAÇAS E GORJEIOS



**Lembrança de
um Carnaval**



**Dois amigos: ambos de
cinema e de “circo”...**

O JOSÉ DENGOSO

Um menino fraco, mas vivo, inteligente e dengoso. Filho de minha cozinheira em Vila Velha: um caboclinho franzino e meigo, de uma ternura em derriço. Dava-lhe um doce, na hora do jantar, à sobremesa, porque José, com olhinho grande, o eslava devorando de longe, num desejo guloso de ser aquinhoado.

– Você gosta de doce?

– Eu *góósto!*... – exclamava prolongando a afirmativa no abrir os ós, como se lhe prelibasse o gosto...

Depois, ao som da vitrola, fazia-o dançar antes de ir para o refúgio da mãe, de quem era muito agarrado.

– De quem você é? – perguntava-lhe.

E ele me respondia com a sua voz de meiguice mulatinha:

– Sou caçula de mamãe.

– É só de mamãe?

José, para me ser amável, acrescentava:

– Sou caçula de *dotô*.

A sua carinhosa dengueice conhecia o sortilégio brasileiro de me dar o título gracioso de doutor: gracioso por dupla razão – não sou formado e só a sua graça amorável de criança me brindava com o título.

Nunca me produziu senão vexame tal fórmula de gentileza de cumprimento habitual em nosso meio.

Mas o tratamento de *dotô*, pelo José, sempre me foi uma carícia auditiva: era como se um anjo, por doçura, me conferisse o título de bacharel em direito divino...

Agora, longe de Vila Velha, no meu bulício urbano de Botafogo, recordo-me do José. E quando alguém, por confusão bem brasileira, ou por obsequiosidade excessiva, me trata por doutor, não me zango: é que, por um súbito dom de reminiscência, me lembro de José e tenho a ilusão suave de que e ele quem me chama *dotô*.

A MELHOR SOLUÇÃO

José Maria de Acosta, *Niñerías*, tem páginas deliciosas, revelando a graça, o gênio e a casta malícia infantis.

Cabe aqui esta adorável passagem:

Apenas me viu entrar, o meu sobrinho Henriquito correu ao meu encontro.

– Trazes-me a caixa de soldadinhos que me prometeste?

– Esqueci-me, lindo! disse eu, desculpando-me.

– Então já sabes que estamos de mal. Enganaste-me!

– Mas, menino considera...

– Nada, nada titio; desde agora estamos brigados.

– E eu que vinha por tua causa, para te levar a tomar sorvete!

Henriquito ficou meditativo. Em seu interior deveria travar-se um terrível combate: o seu ressentimento, de um lado, e o desejo de refrescar-se com um gelado, de era guloso, de outro.

Por fim, triunfou a sua dignidade ferida com a falta de cumprimento da minha promessa e, com seriedade imprópria dos seus anos, me disse:

– Não é possível, titio; estamos brigados.

– Um soberbo sorvete de creme com morangos!

– Sinto-o, mas não pode ser – respondeu, apegado heroicamente à sua resolução.

– Podemos estar zangados e, não obstante, vires comigo, para que te convide a tomar gelado.

– Como é isso?

– Isso mesmo. A cortesia não exclui a coragem. Podes estar muito aborrecido comigo e refrescar-te, sem embargo.

Guardou silêncio. Mas, ao cabo, deveu temer que a minha argumentação fosse um ardis, uma cilada armada à sua integridade de ofendido, por que assim se manifestou:

– Não; estando desgostoso contigo não posso admitir um convite teu.

Diante de uma determinação tão firme, já não mais in-

sisti; mas Henriquito, depois de alguns momentos, à vista do meu silêncio, propôs timidamente, com plausível ecletismo infantil:

– Olha, titio, podemos fazer uma cousa: já não me agastarei contigo senão depois de haver tomado o sorvete...

FLAGRANTES

SOCORRO MÉDICO

João, garoto de precoce ironia, sempre prestava muita atenção, quando o noivo de sua irmã mais velha, médico recém-formado, examinava, auscultando, a boa velhinha, sua futura avó torta.

– Coitada de vovó! – exclamava João.

E perguntava ao médico, depois deste a haver auscultado, pegando na *roda*, nome que dava no fonenotoscópio:

– Vovó vai morrer?

– Qual! Não é nada!

O jovem esculápio estava, uma tarde, noivando a sua doçura, numa sede cearense de sonho, quando João, depois de brincar de esconder com a irmã caçula, trepou nos seus joelhos, pedindo-lhe com empenho:

– Ponha, doutor, a sua *rodinha* sobre o coração de Mariquinhas.

– Por quê?

E ele explicou:

– Eu lhe dei um susto...

A RAZÃO MAIS FORTE

Luiz Paulino (4 anos) ganha do pai um presente que o enche de alegria: um automóvel forte, de madeira. Briga com a irmã, dois anos mais moça. E Maria – tem esse lindo nome de anjo – desiste do veículo cobiçado.

O pai, com a sua fleugma britânica, assiste, sem intervir, a essa luta fraternal pela posse do carro tentador. E o *for-*

dinho vai da sala para a cozinha, do jardim para o quintal, aos tranco e barrancos, guiado pelo *chauffeur* endiabrado, enquanto a irmãzinha se torna espectadora invejosa desse campeão minúsculo, que bateu o recorde dos atropelamentos, matando pintos, machucando o totó e fazendo espantar o gato indolente.

O pai, depois de algum tempo pergunta ao filho se o *fordelho* está ainda resistindo. E Luiz Paulino confessa com certo desencanto:

- Ainda não se estragou!
- Por quê?
- É muito duro...

A LÓGICA DA INOCÊNCIA

Henriquinho, ao chegar o dia de seu aniversário, espera o pai com impaciência, aguardando o seu presente. Tem dez anos de idade. É uma criança alegre, dócil, aplicada nos estudos e muito meiga.

À hora do jantar, chega o pai, sobraçando, risonho e feliz, um embrulho. O menino abre-lhe os braços e recebe o seu beijo efusivo.

Entre os brinquedos viera uma pequena espingarda. Henriquinho a examina curioso: nunca vira uma arma, fosse qual fosse.

– Para que serve isto papai? – pergunta, mostrando-lhe a espingardinha.

– Para brincare.

– Só as crianças brincam com eia?

– Os homens também a usam... responde-lhe o bom do homem, embaraçado.

– Para quê?

– Para matar...

– Mas Deus – ensinou-me o padre na hora do catecismo – proíbe que se mate alguém.

– Mas a tua pequena espingarda só poderá matar passarinhos no jardim...

– E os passarinhos não têm alma também? – enquire Henriquinho, com a candura própria da inocência.

O pai, confuso, perturbado diante daquela lógica do filho, disse-lhe:

– Têm, como nós,

Henriquinho larga a espingarda, com um gesto de terror, e escolhe outro brinquedo: um flautim.

E doido de alegria, como um pássaro no bosque, enche a casa toda com a sonoridade de seus gorjeios...

O DOM HELÊNICO

Helena (3 anos) é a mais bela rima do poeta Jorge Jobim: um prodigioso louro. Muito meiga e inteligente, tem resposta para tudo. No pequeno cérebro madruga-lhe a força divina do talento.

Numa noite antonina, o pai trouxe-lhe fogos, para a festa da sua alegria. E ela, acompanhada do irmãozinho mais velho e já com a vaidade de ser homem de juízo, brincou o seu júbilo apreciando as diabruras do fogo em rodinhas e estrelitas, na travessura das chamas e faíscas, estouros e centelhas.

No dia seguinte, ao meio-dia, quando o nosso sol estava no apogeu de sua glória tropical, Helena pede ao paizinho para queimar novos fogos.

– Não, filhinha; só à noite é que se faz isso.

– Por que não pode fazer agora?

– Porque o sol não deixa, respondeu-lhe o pai mostrando o disco magnífico, em pleno auge da sua fulguração.

Helena ainda com os olhos azuis aturdidos pelo excesso da luz solar, teve esta adorável saída:

– Por que papai não apaga o sol?

O GALÃ MINÚSCULO

Sérgio é o morgadinho do casal que vive num palacete de Copacabana, o enlevo do pai, que lhe faz todas as vontades. E ele, sabendo-se preferido, tira todas as vantagens da

sua situação.

Rebento de um paulista dinâmico e varonil e de uma amável dama argentina, Sérgio tem, desde já, no porte e nos gestos, algo de bandeirante, de fanfarronice gauchesca.

Uma tarde, o pai, com a sua lhanza de príncipe, chama-o para que venha cumprimentar um amigo que chega. E ele nega-se a esse chamado, tendo esta escusa:

– Papai já sabe que eu só gosto de mulheres...

PRECOCIDADES

MALÍCIA ANGÉLICA

Uma moça do lado de sua casa, faz a Joãozinho (3 anos) esta pergunta de janela:

– Como está Ildezuita?

O jojóca, do jardim, responde à moça com este chiste de Anatolinho brejeiro:

– Ah! Já acabou! Agora é Verinha. E quando Verinha acabar, vem novo amor...

A CASCATINHA DA TIJUCA

O meu afilhado Hugo Afonso (4 anos) foi com os pais, de automóvel, à Cascatinha da Tijuca.

De volta, a avó pergunta-lhe:

– Aonde foste, Hugo?

E ele respondeu, descrevendo a emoção do passeio:

– Fui no mato, lá em cima, onde tinha uma chuva sozinha, grande à beça!

AÇÃO DE GRAÇA

Regina Maria (5 anos) é um prodígio de vivacidade. Olhos grandes e grandes luzes no cérebro pequenino. É de uma precocidade admirável.

Muito nervosa, sempre doentinha, os pais vivem em sobressalto, redobrando os cuidados, para que não tenha o

terrível mal das convulsões, a que é sujeita. Depois de uma grave doença, mandam rezar, na igreja de N. S. da Paz, em Ipanema, uma missa em ação de graças pelo seu restabelecimento. E Regina Maria vai, agarrada ao pai, ao templo todo festivo pelo ofício alegórico e solene. Mas, inquieta e impaciente, exclama, quando a missa ia em meio:

– Papai, este cinema não presta!

OVO DE COLOMBO

A tia chama Marcy (3 anos) que não lhe dá a atenção.

– Marcy, você não ouve?

– Ovo, sim.

– Ovo é de galinha. Você deve dizer – ouço.

– Mas osso também é de galinha...

O DIA DE SANTA TEREZINHA

Maria Natalí (6 anos) é uma encantadora criaturinha. No dia 30 de setembro – dia de Santa Terezinha – a sua vizinha de igual apelido, diz-lhe com a mais angélica das vaidades:

– Hoje faço anos e papai vai trazer-me um presente da cidade.

– Por quê? – indaga a outra.

– Porque é o dia de Terezinha.

– Por que não há um dia de Maria Natalí?

E nessa pergunta fulgiu toda a santa doçura da inveja ..

INDISCRICÕES

PERGUNTAS DE CRIANÇA

Álvaro Bomílcar publicou um livro sentimental *in memoriam* do filhinho querido Ubiratan, e para gravar em nossa memória o sorriso desse anjo – conta episódios edificantes, casos singularíssimos.

Vou transcrever alguns, para realçar o valor divino dessa criança excepcional.

“Vivia a perguntar a cada momento o como e o porquê das cousas que o impressionavam.

- Papai, *putê* a máquina anda?
- Pela força do vapor!
- Que é *vapô*?
- Uma fumaça...
- Que é fumaça?”

De outra vez:

“*Putê* a máquina vai na frente dos carro?

- Porque é ela quem os puxa.
- Quem faz máquina *andá*?
- O maquinista.
- Quem ensina maquinista?”

“Uma ocasião, assediado com tantas perguntas, dei uma resposta indelicada ao menino, num gesto de impaciência, de que ainda hoje tanto me arrependo!

- Papai, *putê* não choveu hoje?
 - Por causa de um tolo!
 - Oh, paizinho, *putê* diz *ito* assim?
- E afastou-se de mim, sentidamente, a pobre criança.”

BICHO COME GENTE!

Miguelito é um azougue:

5 anos de vida e já conhece e nomeia todos os bichos do Jardim Zoológico, sabendo de cor os nomes dos heróis e estrelas de cinema.

O pai, num domingo, leva-o ao Zoo de Vila Isabel. Diante da jaula da macaca Sofia, o garoto quer por força oferecer à sirigaita prisioneira um bombom.

– Bicho come gente! – diz o pai, evitando a imprudência de Miguelito.

* * *

Numa tarde, em casa, chega de visita, depois do regresso da Europa, uma velha amiga do casal, que ainda não lhe conhecia o herdeiro. A Sra. Quedes é uma virago que fez, em Paris, várias operações infrutíferas de cirurgia estética e de rejuvenescimento.

– Onde está o tesourinho de vocês?

Os pais chamam Miguelito, que estava brincando no jardim.

O menino fica espantado com a surpresa.

– Venha cá, meu amor! – diz com meiguice a harpia vinda de Paris.

– Miguelito, beija a amiga de mamãe – ordena o pai, impelindo-o.

Mas o menino recua, lembrando-se da macaca Sofia e justifica a sua repulsa:

– Bicho come gente!

CURIOSIDADE INGÊNUA

Minha sobrinha Amanda, quando tinha sete anos, fez-me um dia, à queima-roupa, esta curiosa pergunta:

– Titio, que é Vênus?

Embатуquei. Como explicar a uma menina a origem e a razão de ser da deusa do Amor?

Tive de desapertar pela esquerda:

– Vênus não existe: é uma invenção de poetas.

– E que é poeta?

– Um homem ingênuo, que diz o que não sabe...

Felizmente ela se deu por satisfeita.

DESCULPA CABÍVEL

Regina Maria (5 anos), meiga filhinha de um jornalista, é um mimo de graça e garrulice.

Certa vez, o pai recebe a visita de um colega e amigo íntimo, bom poeta por sinal, e que tem um defeito – é estrábico.

Regina Maria corre para o colo do pai, a fim de bei-

já-lo, sem dar atenção ao visitante. E este, carinhosamente, protesta:

– Por que não falou comigo?

E ela sai-se com esta desculpa:

– Não sabia para onde o senhor estava olhando...

PAPAI DO CÉU NÃO GOSTA!

Raul é um pirralho de 4 anos. Menino terrível, como se diz injustamente, para qualificar uma criança ladina e fértil em travessuras.

Quando faz uma das suas – comer com a mão ou deixar cair a colher – a mãe ralha, dizendo-lhe: – Isso é feio. Papai do Céu não gosta!

Raul, depois de alguma traquinada, tem sempre essa advertência maternal.

* * *

Chega uma visita de cerimônia. Os pais recebem o importante Dr. Porto com todas as honras e cuidados. E Raul, no colo da mãe, ouve, em silêncio, o homem grave e esticado, espigando-se nos gestos lentos e nas palavras medidas.

Mas, num dado momento, o Dr. Porto deixa, por descuido, cair o monóculo que por um triz não se espatifa no chão.

Raul, que até então não abrira o bico, solta esta censura, com o dedinho no nariz, imitando a mãe quando lhe ralha:

– Isso é feio. Papai do Céu não gosta!

O CERÉBRO EM ARRULHO

UM GÊNIO ECONOMISTA

Transcrevo e adapto aqui, vertendo para o vernáculo, esta outra deliciosa historieta de José Maria de Acosta, extraída de suas *Niñerías*.

“– Mamãe, para onde se encomendam os nenês?

– A uma fábrica que há em Paris, filha minha.
– E como os enviam?
– São enviados num caixotinho muito bonito e bem
arranjado, sobre um colchãozinho macio e repleto de flores.

– Eles vêm nus?
– Não, com uma camisinha.
– Pois Assunção, a ama, disse que vêm nus.
– Que vai saber a ama! Chegam em camisa.
– Assim me parecia!
– Então, vêm como a minha boneca, que, quando ma
compraste, só tinha uma camisa em cima, até que lhe fiz rou-
pa e a vesti.

– É isso, filhinha.
– E por onde vêm?
– Pela estrada de ferro, despachados em grande velo-
cidade.

A menina permanece uns minutos pensativa.
– E se se perdem?
– A Companhia da estrada de ferro está obrigada a in-
denizar, como tudo quanto se extravia no trem.
– Que é isso de indenizar?
– Dão o que vale uma criança.
– Quanto vale uma criança?
– Uma criança... uma criança pode custar perto de dois
contos de réis – diz a mãe irresoluta ao efetuar aquela taxa-
ção.

– Que caro! Não é verdade, mamãe? Lembra-te que mi-
nha boneca custou somente dez mil réis.

De novo reflete a menina e, depois de sua meditação,
declara:

– Ouve, mamãe: e não seria melhor que se perdesse a
criança que encomendaste e nos dessem dois contos de réis?
Papai sempre está se queixando de que não tem dinheiro.

APETITE PITORESCO

Minha linda sobrinha Lucy, com 5 anos, vem de São Paulo, acompanhando os pais em viagem de recreio.

Convido-os para um almoço e a minha cozinheira se esmera em fazer uns pratos apetitosos

Lucy, à mesa, parecendo uma mocinha, se serve com irrepreensível compostura, como se fosse conviva de cerimônia.

– Quer peixe, Lucy? – pergunta minha esposa.

– Quero.

Depois:

– Não quer arroz?

– Não.

– Você não gosta de arroz?

– Gosto.

– E por que não quer agora?

E ela, com um chiste imprevisto, desculpa-se:

– Só comerei arroz em São Paulo.

DE ONDE VEM O SOL

Hugo Afonso é a minha riqueza de pobre... Esse sobrinho e afilhado vale por meu melhor tesouro.

Raio de sol que se fez carne, tem a graça loura dos anjos.

Esperto, loquaz e meigo, participa da alegria, da inquietação e candura dos pássaros.

Quando visito o lar onde reina, esqueço-me das dores da vida e das tristezas do mundo. E ao seu lado, tenho a ilusão de me ver perto da gaiola de um canário.

Vou contar aqui uma de suas proezas de pirralho sagaz, dotado de precoce inteligência.

Perguntei-lhe, certa vez:

– Onde está o sol?

– Não está aqui. Hugo vai comprar o sol para brincar à noite.

– Aonde o vais comprar?

E o pimpolho respondeu prontamente:

– Na Light!

(Explicação plausível para essa resposta curiosa: o meu irmão mora em Vila Isabel, perto das oficinas e estação da Light, nome que Hugo Afonso estava habituado a ouvir).

DEUS OUVI AS CRIANCINHAS

Data da Ascensão do Senhor. Na paz do lar rústico Nilcy (3 anos) abraça-se a Jesus Crucificado. E em sua linguagem infantil implora ao Papai do Céu que faça com que o papaizinho aqui da Terra seja contemplado na loteria. É que ela, ouvindo sempre o pai falar no desejo de aumentar o seu sítio de pequeno lavrador e na sorte grande, se lembrou de formular o seu pedido.

Nesse mesmo dia, de sociedade com um cunhado, comprou um bilhete, a instâncias de Nilcy:

– Compre, papai: já *falei* com Papai do Céu!

O pai, sorrindo, levado pela insistência da filhinha, fez-lhe a vontade.

E o milagre realizou-se! O bilhete saiu premiado com 50:000\$ [50 contos de réis]. Com a quota que lhe coube, pôde ver o seu grande sonho convertido em realidade: comprou uma boa parte de terras anexas a sua granjinha, algumas vacas leiteiras e um arado. Com o resto do dinheiro saldou todas as dívidas e comprou uma casa no bairro de Santo Antonio, em Vitória, para rendimento.

É que Jesus já foi criança e Deus nunca deixa de ouvir as criancinhas...

IR PARA O CÉU...

Mariluna é uma gracinha de 4 anos, o sorriso do seu lar.

O seu último irmão é Carlucho, com 8 meses – uma bola de neve e rosa. Mas, por um sacrilégio do destino, adoece e morre em menos de uma semana.

Fica o corpinho dentro de um caixão minúsculo, como

se fosse uma caixinha linda de flores.

Chorosos, os pais inconsoláveis não arredam o pé, velando o cadaverzinho.

Mariluna, com o seu passo de ave e o seu sorriso de flor, aproxima-se-lhes e pergunta:

– Nenê está dormindo?...

A mãe, debulhada em lágrimas, responde-lhe.

– Está, minha filhinha.

A criança, depois de um silêncio impressionante, como se quisesse sondar aquele florido mistério iluminado por 4 velas, ainda interroga:

– Nenê vai embora?

– Sim, vai para o Céu!

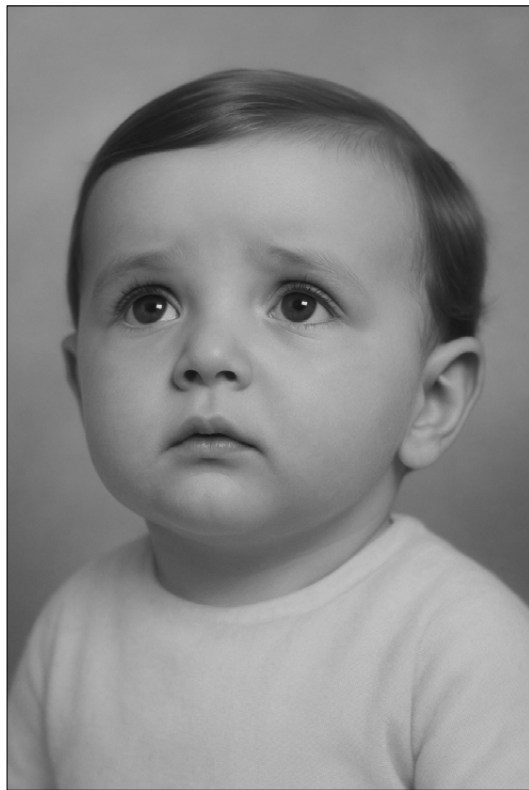
– Por quê?

– Todo anjo volta ao Céu!

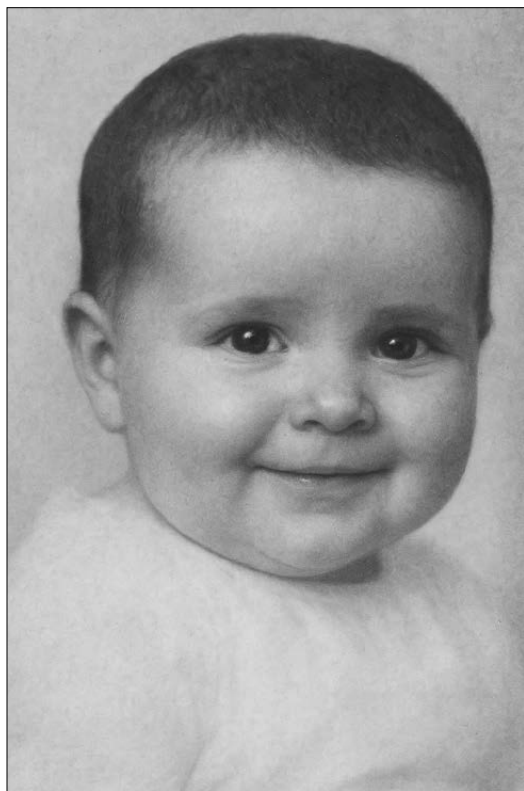
– Então, por que é que mamãe não está contente?



IV APÓLOGOS E PARÁBOLAS



**De olhar fito nas
alturas...**



O sorriso da inocência...

O ENCANTO DA HUMILDADE

Curvado sobre as roseiras do jardim, o sábio entregava-se ao seu trabalho favorito, antes do jantar e de prosseguir, à noite, os seus estudos e pesquisas, encerrado na sua biblioteca, composta de mais de vinte mil volumes lidos e anotados.

O velhinho venerável, cujo valor era apregoadado pelo mundo inteiro, amava mais as suas rosas que as cruces de suas inúmeras condecorações, que permaneciam encerradas num baú velho, entre documentos e autógrafos, roídos de traça. Depois de tratar de suas roseiras, o sábio ilustre foi brincar com os netos, enquanto lhe preparavam o repasto frugal pão, mel e frutas.

Batem à porta. O velho, com o seu andar tardo e a sua humildade, foi abri-la. Era um homem importante, enfatuado, com ares graves de senador ou de banqueiro. E perguntou-lhe, com desprezo e altivez, se o sábio poderia recebe-lo, julgando-o um criado de confiança.

– Com quem tenho a honra de falar? indagou o cândido e bom ancião,

– Diga-lhe que sou o comendador Falcão, diretor do Banco Industrial!

(O velhinho sorriu por dentro: conhecia-o de nome e fama; homem de poucas letras e de muito dinheiro, ganho em negócios ilícitos, e de uma vaidade intolerável).

– O patrão está e receberá V. Exa. com muito prazer – disse-lhe numa reverência, enquanto o levava para a biblioteca.

Retirou-se e, minutos depois, com grande pasmo do importante e orgulhoso banqueiro, apareceu-lhe, vestido sobriamente, sorrindo o encanto da humildade...

O PINTOR QUE FOI CAÇAR...

Era um pintor exímio, que fixava o encanto da natureza. O seu pincel tinha o dom de prender a beleza visual da

paisagem. Louro, de olhos claros e suaves, seu enlevo consistia em ver e interpretar o espetáculo sempre novo do mundo exterior, na alegria do colorido e na graça dos efeitos da luz e das sombras...

Um dia, um amigo levou-o para fazerem ambos uma caçada no campo. Foram alegres, de espingarda ao ombro, para matar passarinhos.

Que o amigo cometesse tal delito era admissível, embora não deixasse de ser censurável. Mas ele, pintor, nunca deveria dar-se ao prazer selvagem da arte venatória. Foi, contudo. Não resistiu ao pérfido convite.

Quando estava em meio da caçada, absorvido pela volúpia cruel do extermínio das aves e algumas delas já haviam sido alvo de sua pontaria, interrompendo-lhe o voo pela surpresa da morte, – um acidente sobreveio: – o amigo, involuntariamente, por um castigo do destino ou capricho da fatalidade, disparou a arma, que fulminava os ritmos alados, em sua direção, indo toda a carga de chumbo atingir-lhe os olhos em cheio.

E o pintor ficou cego para sempre...

APÓLOGO DO HOMEM RICO E DO HOMEM POBRE

I

Caminhava um homem louro, de olhos azuis e alma azul, por uma estrada sinuosa e longa, serpejando por entre as verdes paralelas do cafezal, sofrendo o suplício de uma fadiga extrema, quando avistou, à certa distância, um rancho.

A custo chegou até lá. Bateu à porta daquele lar agreste. Abriu-lhe um homem bronzado e humilde, queimado de sol e ungido de suavidade cristã. O rústico, de mãos calosas, recebeu-o com a alegria serena dos simples.

Fê-lo sentar num banco. O esforço da jornada tornara

arquejante o forasteiro. Pediu água: estava morto de sede.

Uma mulher – personificação da bondade campesina, com uma doçura de pastoral, lembrando a visão bíblica da Samaritana – trouxe-lhe um cântaro de água fresca e cristalina. Bebeu-a toda, sentindo o bem-estar de quem tivesse recebido uma graça do Céu.

O bom roceiro, agora rodeado pelos filhos pequenos – cinco crianças lindas, esplendendo saúde e inocência – fez-lhe servir um naco de carne assada, pão, vinho e frutas, regaland-o, depois do repasto frugal, com uma caneca de café delicioso e aromático. E ofereceu ao hóspede desconhecido um de seus toscos cigarros de palha, de fumo crioulo.

Afagou o estrangeiro agradecido as tímidas crianças, que se aninhavam junto do casal, entabulando palestra com o caboclo dadivoso; a esposa, em silêncio, o escutava e um cão lambia-lhe as mãos sobre os joelhos. E enquanto o peregrino falava, o seu olhar discreto examinava aquele ambiente de singeleza e poesia rural: paredes nuas, assoalho limpo e janelinhas verdes, onde floria a ânsia das trepadeiras e trinavam passarinhos nas gaiolas de taquara... Vinha do quintalejo o cacarejar das galinhas e, do curral, o mugir de uma vaca. Sentia um cheiro de abundância; no pomar as árvores estavam carregadas de frutos e na horta verdejava a disciplina dos canteiros, repletos de plantas leguminosas. E tudo via do lugar onde estava, inclusive o jardim minúsculo, numa festa floral de colorido, e, mais ao longe, uma curva do regato sonoro, onde patos e gansos nadavam contentes e tranquilos.

Depois, de uma hora de repouso e de contemplar o quadro encantador, levantou-se para prosseguir a sua marcha, beijando as crianças, já menos ariscas, e despediu-se do casal humilde e feliz, cuja generosidade espontânea agradeceu comovidamente, com lágrimas nos olhos.

Só ao sair, de chapéu na mão e alma no olhar agradecido, transpondo a porta do rancho, é que lobrigou, ao fundo, num quadrinho, ornado de flores, em oferta votiva, a efigie doce e serena de Jesus...

II

Prosseguiu a jornada, castigado pelo sol de verão. Duas horas depois caiu um fortíssimo temporal. Abrigou-se debaixo de uma árvore, à beira do caminho, sem ânimo de afrontar a tempestade. Açoitado pela chuva, cego pelo pavor, por sobre a sua cabeça rugia o vento sibilante e explodia a raiva diabólica da trovoadas. Ouvia, espavorido, aquela assuada selvagem e aquele rouco idioma de extermínio.

Um raio abateu a árvore que o abrigava, ferindo-o, e quase o fulminou de medo. Pôs-se a correr, desabaladamente, sem destino, perseguido pelos uivos da ventania feroz e pela fúria dos relâmpagos e descargas elétricas.

O cansaço e o pavor detiveram-no. Atirou-se ao solo, arrastando-se, alguns instantes pelo lamaçal, até que perdeu os sentidos.

Anoiteceu. Quando voltou a si, havia cessado a tormenta e fazia luar. Ferido, alquebrado de fome, completamente desorientado pelo choque sofrido, foi andando, trôpego e gemente, pelo campo fora, em busca de agasalho e socorro.

Após algumas horas de longa e exaustiva caminhada, surgiu, no alto de uma colina, urna vivenda, que alvejava entre o vasto cafezal.

Ao aproximar-se, os cães latiram a sua hostilidade e rancor. Assomou à porta, de revólver em punho, com espanto e receio, um vulto. Era o dono da fazenda: nos dedos da mão esquerda faiscava um brilhante enorme e na destra brilhava o cano da arma em direção ao estranho, que se deteve, alçando as mãos, num gesto de súplica.

Nos olhos do fazendeiro fulgurava o ódio.

– Que desejas, vagabundo? inquiriu com voz áspera e ultrajante.

Implorou-lhe, num olhar de aflição, hospedagem. Não conseguira articular uma só palavra: estava quase desmaiado de fraqueza.

Os criados, a chamado imperioso do amo cruel, expulsaram-no com brutalidade, pondo-o longe dos domínios

daquele homem rico e violento, com auxílio do cães bravios.
Ficou ao relento, ao abandono, semimorto.

UM PÁSSARO FERIDO

Perto de casa, encontrei, certa vez um passarinho ferido.

Um garoto, por perversidade inconsciente, fora o autor provável dessa maldade requintada.

Pungiu-me o vê-lo triste, com as asas imóveis, em calada angústia.

Levei-o, com muito cuidado, tornando-o meu hóspede por uma semana, durante os efeitos da pedrada cruel. E só pela medicina do carinho, – ficou, dias depois, curado e de novo feliz.

Abri a gaiola, onde recolhera o doentinho. E a avezinha mansa voou pela janela, recuperando o espaço. Tive a fantasia de identificá-lo, atando-lhe à garganta com uma fitinha vermelha, que me servia para marear as *Fioretti* do meu suave Francisco, seu irmão lambem seráfico.

Dias depois, tive uma inaudita surpresa: o passarinho voltara! Pousado sobre um arbusto em flor, cantou, no meu jardim, a sua alegria, como se quisesse, por esse meio, pagar-me o benefício que receba.

Se fora homem, não teria vindo...

O BURRO E O FILÓSOFO

O filósofo, quando via o burro do vizinho conduzindo pesada carga, e o dono, para lhe apressar o passo, o açoutava, protestava indignado, condoído do pobre animal, fazendo cessar o suplício.

O burro sofria paciente e humilde a crueldade de seu dono desalmado.

Uma tarde, o filósofo encontrou o burro caído, com uma perna ferida, a esvair-se em sangue. Interpelou o vizinho brutal:

– Por que o abandonaste na estrada?

– Deixei-o morrer em paz, já não me pode servir de nada...

– Queres fazer-me presente dele?

– Pois não! – exclamou a rir da excentricidade do filósofo.

E este fez recolhê-lo ao quintal de sua casa e improvisou-lhe uma estrebaria. Tratou-lhe da ferida, deu-lhe água e capim fresco.

O burro, aliviado e refeito de forças, dormiu regaladamente.

Um mês depois estava completamente curado, gordo e com o pelo luzidio.

O filósofo, pela manhã, foi vê-lo e acarinhá-lo. Mas levou um coice, que o forçou a ficar um mês de cama.

– Não lhe quero mal – dizia, com bom humor, o filósofo, à esposa, que o tratava carinhosamente.

– Deves estar agradecido até! – declarou com ironia a mulher, sorrindo das palavras do marido.

– Estou, realmente.

– Por que o estás?

– Porque o burro mostrou que é inteligente...

– Como?

– Aprendeu a ser ingrato, como o homem...

V
LENDAS E
PRODÍGIOS



**Um sorriso de quem
se contentou...**



Pouca idade e muita saúde.

SONHO DE UMA NOITE DE NATAL

Há quem não veja encanto, nem poesia, numa noite de Natal nos trópicos. A data suavíssima de 25 de dezembro coincide no Brasil com a violência do calor estival, que nos satura de sol.

A festa de Jesus só pode revestir-se de encanto e beleza simbólica – dizem – nas terras frias, onde o Natal tem, para exaltá-lo, a pureza da neve, que faz do ambiente um sonho nívoo e virginal, dando-lhe um toque de candura evangélica.

Os países glaciais, que o celebram em pleno inverno, sob a casta presença da neve, não recebem, entretanto, a divina carícia de uma noite tropical, que se abre como uma árvore de Natal imensa e prodigiosa, rebrilhante de estrelas, exaltando o meigo filho de Maria em sua luz gloriosa e fecunda.

O Natal da neve é uma alegria interior, um instante de sonho e de lenda, porque o frio e a miséria invadem os lares: nos palácios suntuosos uma árvore iluminada, repleta de brinquedos e ilusões, faz o enlevo de crianças louras, que se aconchegam à lareira, para se aquecerem; nos casebres, a pobreza sente, nessa noite lendária, a tristeza suprema do desamparo, sem lume no fogão e sem luz na alma, enquanto criancinhas esfarrapadas e róseas, tiritando de frio, esperam em vão a miraculosa visita do bom velhinho, com a sua sacola de presentes e maravilhas...

A noite de Natal no Brasil tem, ao revés, a explosão de uma alegria deslumbradora: é o Natal da luz!

Festejamos a vinda providencial de Jesus com o entusiasmo solar.

Tanto na casa do rico como na do pobre reina, nesse dia cristão, no mais belo dia do mundo, fartura, porque a luz enche todos os lares e inunda todas as almas.

Uma grande, indefinível e suave alegria envolve-nos e tonifica-nos.

A natureza tem uma doçura de sonho radioso e o espa-

ço, diáfano e sutil, é uma sinfonia serena de claridade.

Há nos seres e nas cousas, em todos e em tudo, uma expressão íntima e jucunda, como se, nesse dia único, se realizasse o reinado da fraternidade e fosse o Universo envolvido pela graça de um sorriso de Deus...

* * *

Numa noite de Natal, estava eu no silêncio de meu gabinete de trabalho vendo, pela janela aberta, o luar que ungia a terra à maneira de neve luminosa...

(No meu lar não havia uma árvore de Natal, porque não tenho filhos: daí o passar essas horas suaves na companhia de meus livros).

Meditava. Rememorava todos os episódios do nascimento do Enviado de Deus, perfumando-me a memória a paisagem da Galileia, onde se corporificou o milagre daquela vida e floresceu o sorriso de Deus para a redenção dos homens.

A figura de Jesus sorria-me à alma. Um sentimento profundo de graça inefável me tornava quase desmaterializado.

Na vizinhança vozes claras de crianças glorificavam aquela noite divina, noite em que há sonho para todas as almas. Adormeci. E tive, então, este sonho suave: apoiado no bordão, de alforge ao ombro, velho e encurvado, eu palmilhava o deserto, numa ânsia de horizonte, sorrindo ao sol poente. Léguas e léguas ia eu vencendo sem fadiga. À certa altura, na curva de um caminho, parei, para melhor divisar a paisagem em torno.

O crepúsculo envolvia-me numa carícia. Meus olhos saudaram as primeiras estrelas. Recomecei a jornada. O luar estendia o seu véu imáculo, purificando os seres e os mundos. Um sino, ao longe, cantava, como ave de bronze. Ajoelhei-me e fiz uma prece mental ao Altíssimo. Não sei o tempo que durou essa oração muda e profunda. Parecia que essa concentração espiritual me elevava aos páramos

celestes.

Quando me ergui e de novo me pus em marcha, senti uma infinita suavidade. Fiquei maravilhado pela transformação que em mim se operara. Ao meu lado, uma sombra translúcida me antecedia os passos sobre a areia da estrada: Jesus me servia de guia e com a mão aberta, na espiritualização da benção, me apontava o céu. Fui andando, andando, no seu encalço, enquanto a sua silhueta opalescente me precedia, como se vestisse uma túnica de luar.

Cheguei a uma grande cidade alta noite. Era a noite de Natal. Nos palácios não havia luzes, nem alegria e movimento. Fui aos bairros pobres, mergulhados no sono e na miséria. Penetrei em cada lar silencioso, cujas portas fechadas não me impediam o acesso, pois o meu corpo fluido não encontrava o menor obstáculo. E tirando do alforge, repleto – ó milagre! – de estrelas, dei a esmola da luz para cada alma e um sorriso para cada criança adormecida.

Jesus havia desaparecido. E o luar tinha a doçura de seus olhos ...

MILAGRE DE MAIO

Nascera cego: órfão da luz, prisioneiro das trevas... A infância era-lhe triste, porque não podia lobrigar o céu, apenas aspirá-lo no perfume das flores e tateá-lo no seio materno que lhe dera leite e nas mãos de santa que o acariciavam e lhe guiavam os passos incertos e tímidos de criança, cega de nascença e frágil pela idade e inocência... Deram-lhe um nome, que seria um sarcasmo se não fora lembrança de quem o trouxera nove meses no ventre e ainda o conservava nas entranhas divinas do coração: chamaram-lhe Hélio.

O sol, que não poderia ver nem admirar, o iluminava desse modo, por suave bondade de sua mãe, que sofria ao vê-lo privado da luz e chegava a sentir remorso de ter visão...

Que suplício o dessa madre dolorosa, que contemplava o filho, sabendo, tendo a certeza torturante de não poder ser vista senão pressentida por ele!

* * *

Maria da Luz, mãe de Hélio, a criancinha cega, não era bela, mas também feia não era. (Não existe mulher feia, quando mãe, porque a maternidade a diviniza). Como sofria pela cegueira do ente que gerara! Vendo-o no berço, a sorrir a sua dor inconsciente e ingênua de pequenino mártir, sentia ela toda a profunda angústia de sabê-lo proscrito, para sempre, da luz, que é a presença do princípio criador de tudo quanto vive, canta, ama e se move no Universo... Seu filhinho – desventurada mãe sem consolo! – jamais poderia fitar o sol e, pior, vê-la, verificar em seu rosto da madona da Tristeza, imagem tão seráfica pelo sofrimento, quanta ternura, quanto carinho e quanto de alma havia na luz de seus olhares maternos e no sorriso tão suave de sua bondade!

Permanecendo com os olhos semicerrados, pálpebras imóveis a cobri-los com solicitude piedosa. Hélio parecia estar sempre adormecido...

Fruto único de um amor que já morrera, alegria exclusiva de sua viuvez, Hélio viera ao mundo quando, de luto, chorava a morte do esposo, operário eletricitista, que trabalhava – quanta lógica no destino cruel! – trabalhava na Light, como especialista no serviço de iluminação e que falecera fulminado, numa noite aziaga, quando ligava fios para iluminar o parque de um palacete em Botafogo, onde se ia celebrar uma festa veneziana em lago artificial, para comemorar as bodas do casal rico que habitava aquele fausto...

Hélio nascera-lhe também de luto, pois nascera cego! Trouxera-o, no período hibernai da gestação lenta e dolorosa, como se esperasse irromper de seu ventre um sol! E Hélio, sua esperança e alegria única, o tesouro de suas entranhas fecundas viera à luz... sem luz!

* * *

Maria da Luz, logo depois do parto, não ligara impor-

tância demasiada ao fato, supondo-o acidente ou fenômeno passageiro, crise efêmera e sem graves consequências, explicável em vida tão tenra ainda, e passível de cura.

Mas, meses após, um médico, que por caridade o examinara, teve a brutal franqueza de positivar-lhe o mal irremediável, dizendo-lhe friamente que a criança estava cega para a vida inteira, porque já trazia, no período embrionário da gravidez, aquela condenação original e absoluta.

Foi uma dor tamanha que lhe secou os olhos de mãe, tantas foram as lágrimas choradas em silêncio, enquanto a criança, rindo como boneca humanizada, numa graça insonante de ave inquieta, lhe sugava nos seios o mel branco do leite...

Cresceu rosado e forte o bambino louro e lindo, que sugeria um anjo pincelado por Murilo. Dir-se-ia o gárrulo e minúsculo Cupido, anjo pagão do Amor, de olhos vendados!

* * *

Hélio, aos três anos de idade, nédio e esperto, já pronunciava, com infinita delícia para os ouvidos maternos, algumas palavras por metade, obscuras de sentido, mas luminosas de expressão para quem lhe sabia decifrar, por divina intuição de madre, a sonora e encantadora algaravia... Uma noite, saltando do berço para o colo de Maria da Luz, Hélio, depois de beijá-la, lhe fez esta pergunta:

– Mamãe é bonita?

E a Mãe, chorando, enxugando a luz líquida do pranto, lhe respondeu tristemente:

– Sou muito feia, porque a minha beleza está em ti!

A criança cega não compreendeu. Mas, com a sabedoria inata dos seres inocentes, sorriu... Depois de um curto silêncio, o menino disse:

– Porque não te vejo, mamãe?

– Deus que está no céu, filhinho, te abrirá os olhos, um dia, e então me verás!

Aquelas palavras cheias de fé, proferidas em um tom

profético, como oráculo de um coração, calaram fundo na alma da criança.

– E Deus há de ser tão belo como a mamãe!

– Deus é belo porque é bom...

E Hélio, que não via Deus, como nós o não vemos, sentiu uma carícia de Deus, como nós também sentimos...

* * *

De outra vez, estando Hélio à porta da casinha em que sua mãe morava, casebre de morro, numa zona agreste dos subúrbios, interrogou de novo:

– Que é uma estrela, mamãe?

Maria da Luz surpreendida por aquela pergunta estranha e inesperada, que a despertava de uma concentração profunda, pois vivia sempre em calada e pensativa angústia, no êxtase dolorido da cisma, fingiu não ter escutado.

E o filho insistiu, acariciando-lhe o rosto:

– Que é uma estrela?

Novo silêncio.

– Uma estrela é cousa bonita?

– Não me faças perguntas, assim, querido.

– É um brinquedo? Quero ver uma estrela!

– Sossega, filhinho.

– Quero vê-la, mas não posso!

E Hélio ficou triste, resmungando o seu desejo impossível.

A mãe, que a custo continha a sua emoção, chorou copiosamente, caindo lágrimas a fio de seus olhos marejados de pranto. E uma lágrima de Maria da Luz pingou sobre a face rósea da criança cega e a iluminou...

Hélio então, com uma alegria infantil, exclamou radiante:

– Vi uma estrela!

* * *

Chegou o mês suave de Maria, o mês das rosas, das mães, dos poetas, das estrelas e das crianças. Mês de maio do ano de 1925, do Ano Santo.

E Maria da Luz, com a sua fé, a sua dor e a sua humildade, pressentiu a hora da sua felicidade, o divino momento de receber um sorriso de Deus, pelo coração de Maria, mãe de Jesus e mãe da Terra.

As rosas plantadas no seu jardimzinho, único luxo de sua habitação pobre; as rosas vermelhas, única tonalidade alegre de sua viuvez, as rosas colhidas pela manhã, ela as colocou num vaso tosco perto da imagem de Nossa Senhora, que se erguia, num pequeno retábulo à cabeceira de sua cama, próxima do berço do filho.

* * *

Na manhã de 15 de maio de 1925, antes de romper o sol, foi buscar rosas frescas para a mística oferenda. Voltou, momentos depois, com a leve carga e, numa oração sem palavras, de olhos e alma concentrados no divino semblante da mãe misericordiosa, que também tanto sofrerá na Terra, pediu à Virgem, com as mãos em cruz e os lábios ósculo, que naquele dia, aniversário de seu filhinho cego, lhe fizesse como presente o milagre de lhe dar a luz que ela pobre mãe! – não lhe dera, não pudera dar-lhe ao nascer!

A criança adormecida no berço sorriu ao primeiro raio de sol que entrava, como carícia do céu, por uma fresta, e abriu docemente os olhos, numa alegria de ave, balbuciando:

– Mamãe! Eu te vejo, mamãe!

Realizara-se o milagre...

A PROMESSA DO PROFETA

O beduíno, no garbo e vigor da adolescência, sorria à vida nômade, que se lhe afigurava a mais bela das miragens.

Boêmio do deserto, na sua cavalgada infrene e volutuosas, tinha a carícia do oásis mágico do sonho. Sua paixão era o

cavalo fogoso e ágil, violador da distância e ânsia alegórica da vertigem, galopando sobre a areia alvíssima, que lhe amortecia o estrépito da carreira.

Diante da graça farfalhante das palmeiras expandia a sua galantaria ingênua, como se tivesse na presença de beleza egressa de um harém. E o moço árabe as saudava jovialmente, enviando-lhes um beijo estrelado no gesto expressivo da mão florida pela distensão dos dedos...

* * *

Numa noite em que as estrelas sorriam, fulgindo no céu, à maneira de huris no Éden, o beduíno adolescente desceu do cavalo predileto e, prostado na areia, fez a sua prece silenciosa. Depois, erguendo-se, com as mãos estendidas para o serralheiro sideral, quase deixou escapar o seu recôndito desejo: possuir uma estrela, para brilhar no seu turbante.

Maomé, pressentindo o seu secreto anelo, aparece-lhe por encanto e interpela-o:

– Qual é o teu maior desejo?

– Tenho receio de vos dizer – respondeu-lhe com timidez.

– Dize sem medo.

– Quero, ó suave mensageiro de Alá, uma estrela!

– Tê-las-á – disse-lhe com doçura infinita o Profeta.

E o beduíno prosseguiu a sua jornada, radiante de felicidade, sob a carícia noturna.

* * *

Passaram-se muitos anos. Envelheceu. Mas o seu desejo persistiu. Confiava na promessa do Profeta, naquela noite estrelada, que fulgia na sua retina e cantava na sua memória...

À hora da morte, na sua tenda à sombra das palmeiras que amava, quando já lhe sorria a miragem do Além, no cansaço da agonia lenta, que lhe parecia uma longa viagem

através do deserto, o Profeta apareceu-lhe de novo, risonho e suave. Serenamente, sem nada lhe dizer, colocou-lhe o turbante na cabeça.

Toda a tenda se iluminou de repente: no turbante estava a estrela prometida...

UM PRESENTE DE SÃO NICOLAU

Criança, não teve infância. Rapaz, não teve mocidade. Velho, não teve fortuna... Sempre à margem da vida, o mundo o esqueceu; a felicidade nunca o encontrou no seu caminho.

Triste e solitário, sombrio e taciturno, nunca soube o que fosse um sorriso: era um egresso da Esperança, prisioneiro do tédio, galé do desengano...

Extático da cisma, a volúpia da meditação saturava-o de Infinito.

De onde viera? Ignorava.

Para onde ia? Mistério...

Interrogava-se a si mesmo. Esse requisitório torturante era o seu trabalho de alma, a sua faina metafísica, o ônus espiritual. E pensava, suando de cansaço, cavando o cérebro, curvado sobre si próprio. E o suor de quem assim moureja é a lágrima que se desprende dos olhos como pranto de estrela... Nas suas longas horas de abstração profunda, sofria todos os suplícios de uma inquisição implacável: tinha uma fria, uma cruel serenidade fanática de Torquemada introspectivo.

Contava, aproximadamente, sessenta anos de idade e muitos séculos de dúvida.

Nesse homem sem pátria, de origem ignorada; nessa vida sem destino, sem ambição e sem desejo; nessa alma errante, nuvem desgarrada, que talvez fosse ninho de tormenta, havia toda a muda tragédia de uma dor gerada no silêncio e no mistério; dor imensa e recalcada, concentrando – quem sabe? – a angústia remota do primeiro homem ou de uma reminiscência longínqua, que tivesse raízes na solidão astral de alguma nebulosa, fuga de perspectiva na paisagem divina...

No seu olhar sereno e distante, fulgia algo que vinha de muito longe, do sem fim de tudo quanto nos sugere uma vaga ideia do Absoluto. No círculo dos olhos azuis, – duas grutas encantadas, – florescia um enigma sideral!... E o seu olhar semelhava a uma luz que viesse através de uma rosácea ou de lâmpada votiva, colocada diante de um nicho de capela gótica e que parece uma cisma que arde, sem espanto das sombras... Nesse olhar existia um rastro de peregrino, viajado pela dor de muitas vidas, vergado ao peso de muitos mundos percorridos...

Não falava com ninguém. Nos lábios secos jamais cantara a fonte mágica da palavra humana. Boca sem voz e sem sorriso, encerrava a castidade hermética de um segredo inviolável, na sugestão búdica do silêncio em seu estado transcendental de espasmo divino – o êxtase.

Fronte larga, vincada de cismas, no desenho paciente da reflexão infatigável, uma espécie de tatuagem do Infinito abria-lhe uma perspectiva de eternidade na cabeça pensativa, onde, com fios de neve, a aranha invisível do tempo ia construindo a sua teia sutil...

Não sabia ler: cismava, lia-se a si mesmo. Espiritualizando ao extremo, fazia do jejum um meio de domínio da alma sobre a matéria. O alimento era-lhe fornecido pela natureza: frutas silvestres e um pouco de água.

Nunca olhou, nem por curiosidade, para uma mulher. Envelheceu longe delas, fugindo ao contato dos seus semelhantes, como se fossem feras...

Não tinha amigos: nunca um cão vadio lhe lambeira os pés sangrentos ou as mãos ásperas.

Insensível ao ritmo exterior, jamais ouvira o gorjeio do pássaro, porque trazia o ouvido tapado, para evitar qualquer cilada do mundo, invejoso de seu estado abúlico de pastor de cismas, cumprindo um voto de silêncio perpétuo.

* * *

Numa noite de Natal, andou São Nicolau por vários bairros, distribuindo brinquedos às crianças pobres e presentes aos velhos mendigos que encontrava.

Depois de ter esvaziado o seu saco de maravilhas, afastou-se das casas e foi de regresso, caminhando por uma planície deserta, contente por haver realizado o desejo da meninada, que o acolheu com alegria estrepitosa, e triste por não lhe ser possível banir, na divina noite do nascimento de Jesus, todas as tristezas e misérias humanas.

Quando ia assim meditando pela estrada, encontrou, sentado sobre uma pedra, o velho, absorto em longa meditação. Magro e triste, o seu olhar azul namorava as estrelas...

O santo amável ficou desolado por não restar nada para lhe oferecer, na grande noite, em que vinha para celebrar a natividade do suave bebê de Belém. Bateu-lhe no ombro e sorriu-lhe: só um sorriso poderia dar-lhe... Mas, por milagre, pôs a mão no bolso e encontrou um cigarro.

Deu-lho. O velho olhou-o sem compreender e recusou. Pô-lo São Nicolau com cuidado entre seus lábios secos, que não conheciam o sorriso. Mas faltava-lhe lume para acendê-lo. Como proporcionar ao velho solitário o único consolo, a primeira e suprema alegria de sua vida?

Invocou o auxílio providencial de Jesus e foi logo atendido: uma estrela cadente passou e acendeu-lhe o cigarro.

E o velho, que vivia sempre em cisma e em silêncio, sorriu pela primeira vez...

AS ESTRELAS DE JESUS

I

Era no tempo do Rei Herodes, soberano estrangeiro, imposto ao povo de Israel pelos romanos, senhores do mundo.

Nazaré surge da paisagem suave da Galileia, num aceno de horizonte... Situada sobre uma montanha, distante de-

zoito léguas de Jerusalém, bem justifica o nome, pois que em herdeiro [sic, hebraico] significa flor (nazer).

Aí, nessa alegoria panorâmica, ficava o lar humilde e feliz de José e Maria, ambos da casa de David. O pobre carpinteiro tinha ao seu lado a mais pura, a mais terna das esposas.

E um dia estando a orar, Maria recebeu a divina mensagem: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor está convosco, bendita sois entre as mulheres” – disse-lhe o arcanjo Gabriel, cavaleiro alado do Altíssimo.

Deu-se o mistério da anunciação.

Depois da aparição do arauto celeste, Maria correu à casa de sua prima, Isabel, que a recebeu com esta saudação: “Bendita sois vós entre as mulheres e bendito o fruto de vosso ventre!” E sentiu-se bem-aventurada. No ventre virgem uma vida já se elaborava e estremecia...

II

O imperador Augusto baixara uma lei determinando que todos os habitantes da Judéia dessem a rol os seus nomes, cada qual na cidade de onde lhe proviesse a origem.

José e Maria, descendentes de David, tiveram de transportar-se, imediatamente, a Belém, onde aquele antepassado nascera. Encontraram-na repleta de forasteiros, que iam também cumprir a ordem censitária. Não lhes foi possível buscar pousada nas estalagens e um estábulo serviu-lhes de refúgio. E naquele humilde lugar, à meia-noite, Jesus veio à luz. Maria, no enlevo da maternidade, colocou-o num presépio. E nesse mesmo instante uma nova estrela surgiu no céu e projetou sobre a criança os seus raios, envolvendo-a em seu resplendor.

III

Naquela noite do Natal de Jesus o luar tinha a doçura de um olhar materno, afagando tudo numa carícia mansa e radiosa.

Alguns pastores estavam guardando os seus rebanhos, nas cercanias de Belém. Viram-se, repentinamente, dentro de uma claridade celestial. E um anjo assim lhes falou: “Não temais, feliz nova vos trago que encherá todo o povo de grande alegria. Na cidade de David nasceu hoje o Salvador, que é o Cristo Senhor; e pelo sinal que vos dou o reconhecereis; achareis um menino envolto em umas mantilhas reclinado num presépio”. Logo após uma legião seráfica de espíritos se lhe uniram, entoando em coro estas palavras sublimes: “Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade!”

Desvaneceu-se aquela revoada angelical. Os pastores, ainda sob a impressão daquele espetáculo inefável, partiram em busca da criança predestinada, estugando os passos, como a pastorejar alegrias. Chegaram, guiados pela estrela, ao lugar, onde estava o menino recém-nascido. Maria mostrou-lhes, risonha e ufana, o Deus Minúsculo. Adoraram-no em silêncio, na mais longa e embevecida contemplação extática.

Voltando a cuidar dos rebanhos, as ovelhas adormecidas semelhavam uma suave legião de sombras brancas angélicas, pastorejadas pelo sonho.

IV

Longe, muito longe da Judéia, viviam os reis pastores, que habitavam terras do Oriente, banhadas pelo Tigre, Nilo e Eufrates.

Melchior, Gaspar e Baltazar eram Magos, isto é, sacerdotes da luz. Passavam, durante a noite, estudando, em silêncio, o grande livro do Espaço, e lendo nos astros a linguagem fúlgida e profunda do infinito... E a noite do Natal de Jesus, precisamente a hora em que Maria o deu à luz deste mundo, viram despontar uma estrela enorme no céu; estrelas desconhecidas para eles cujos olhos seguiam todos os movimentos celestes e andavam no encalço das caravanas siderais.

As palavras de Zoroastro, o mestre de todos os Ma-

gos, vieram-lhes à mente. Pressentindo a vinda do Messias afirmara que uma estrela, visível durante o dia, apareceria no céu. anunciando o nascimento do Salvador. Ordenara Zoroastro que os Magos levassem presentes ao Enviado de Deus, que nasceria na Judeia.

Compreenderam, então, que a estrela, cujo brilho vencia a luz solar, era o sinal previsto pelo magno sacerdote, que fundara a Magia, ciência da luz. Apressaram os preparativos para a jornada; escolheram os presentes; vestindo as mais ricas roupas, puseram-se em marcha pelo deserto, cavalcando os pacientes dromedários e tendo por guia a estrela maravilhosa. Seguindo na direção do astro refulgente, caminhavam dia e noite, avançando sempre, no passo tardo mas persistente daquelas andaduras simbólicas do Oriente, formando uma caravana de sombras em direção à luz que lhes indicava o rumo...

Chegando a Jerusalém, indagaram, pressurosos, do lugar onde se achava o novo Rei dos Judeus, há pouco nascido: “Vimos a sua estrela – diziam para explicar o motivo da estranha pergunta – e viemos adorá-lo”. Herodes tremeu de susto e Jerusalém inteira ficou abalada com o inaudito acontecimento. Inquieto o Tetrarca reuniu sacerdotes e escribas, para tomar uma resolução. Fez depois vir à sua presença os Reis Magos, interrogando-os da época exata em que surgira a estrela de Jesus. Teve uma resposta formal: os peregrinos da Luz informaram-no no dia em que viram cintilar a estrela asseverando que o astro os guiara até Jerusalém. Deixando Herodes, que tentava frustrar-lhes a missão sagrada, abandonaram a cidade e, guiados novamente pela estrela milagrosa, foram a Belém, até que o luzeiro se deteve, pairando sobre a manjedoura, onde o divino bebê sorria no presépio, sob a guarda vigilante de Maria, a Mãe bem-aventurada. Melchior, Gaspar e Baltazar, atinando a causa dessa parada súbita, apearam-se dos animais fatigados e foram prostrar-se diante do presépio, onde estava Jesus, ao lado de Maria. Ofertaram-lhe as dádivas que haviam trazido de tão longes terras: Melchior,

o mais velho dos três, pertencente à raça branca, ofereceu-lhe ouro; Gaspar, o mais moço, de raça asiática, deu-lhe incenso; Baltazar, de origem africana, apresentou-lhe mirra.

Cumprida a tarefa votiva, os Reis Magos re tomaram o caminho do deserto...

* * *

Estava eu, numa noite de Natal, rememorando esses episódios de história sagrada, quando me veio à lembrança uma lenda suavíssima, que me foi narrada, certa vez por um velho índio, cristianizado pela catequese religiosa no Alto Purus. Esse egresso das selvas bravias do Amazonas contou-me uma versão originalíssima do aparecimento das estrelas de Jesus no céu virginal da América pré-colombiana:

“Sou da tribo mais venerável da região dos rios, daquela que dominava a maior parte do Amazonas, onde vive o deus das águas. E meu pai, que era pajé e o mais sábio dos seus irmãos guerreiros, entretinha a minha infância selvagem, narrando-me histórias maravilhosas.

– Dize-me uma dessas histórias – pedi-lhe.

– A memória já não me ajuda. Mas vou esforçar-me por contar-lhe uma lenda que me encantou quando criança.

E numa ingênua confusão, onde a sua condição de bárbaro surgia, às vezes, dominando-lhe a fé cristã, contou-se como e quando a América pressentiu a presença de Jesus na Terra:

– Dizia-me assim o senhor meu pai, pajé da minha tribo, de volta de uma longa viagem, que durou cem luas, quando os rios encheram: vês aquelas cinco estrelas no céu?

– Vejo-as – respondi-lhe, erguendo o olhar para o pedaço da noite estrelada, que uma clareira na floresta permitia avistar.

– Pois, segundo me confessou meu avô, que também era pajé de nossa tribo, esses olhos de Tupã se abriram no céu quando nasceu o seu filho lá para muito longe, onde surge o

sol na alvorada.

– Tupã teve um filho que veio à Terra?

– Teve.

– E por que essas estrelas apareceram?

– Estavam – dizia-me o pajé, meu avô – umas crianças, em noite cálida de dezembro, brincando na selva, perto do rio, quando viram luzir nas águas uma cruz. Estremeceram, julgando que fosse a presença do “poraquê” (peixe elétrico). Mas, olhando para o céu, deram com o engano: eram estrelas...

E concluiu o índio cristão resumindo a lenda, que sabia de memória, com esta cândida verdade:

– Era o Cruzeiro do Sul que apareceu no céu da América, quando Jesus nasceu em Belém...

Comoveu-me essa lenda, que saiu dos lábios do velho índio catequizado por missionários católicos. Terá razão esse cristão das selvas amazônicas? Não no sei. Evito averiguar se há lógica nesse absurdo gerado pela candura de uma ignorância tão bela ... Nada é impossível.

Mas, por efeito dessa história, quando diviso no céu a cruz radiosa das cinco estrelas, vem-me logo à ideia a versão do índio sobre a origem do Cruzeiro do Sul. A América, antes de ser descoberta, já adorava inconscientemente Jesus, que fulgia no céu, naquela cruz sideral.

A América adivinhou a noite do Natal...

* * *

MARGINÁLIA
LISTA BRANCA
TESOUROS DO CORAÇÃO

LISTA BRANCA

Faço aqui, por ordem alfabética e por força imperativa do coração, uma lista, tanto quanto possível completa, de todos quantos têm, pela ação benfazeja, pela ciência, pela fé, pelo ensino, pelo livro e pela arte, amado, defendido, socorrido e deleitado as crianças brasileiras.

A

Achiles Porto Alegre
Adelina Lopes Vieira
Afonso Celso
Afonso Pena Junior
Alarico Coelho Cintra
Alberto de Oliveira
Alcindo Guanabara
Alexina de Magalhães Pinto
Afrânio Peixoto
Arnaldo Barreto
Álvaro Moreira
Álvaro Bomílcar
Amâncio Pereira
Américo Werneck
Ana Amélia Carneiro de Mendonça
Antunes Maciel Filho
Anísio Teixeira
Aristides Freire
Arnaldo de Moraes
Ari Franco
Atílio Vivacqua
Aureliano Machado

B

Bastos Tigre
Barão de Macaúbas

Benito Maurell da Silva
Chaves Barcelos (família)

C

Carlos Brandenburger
Carlos Manhães
Carmen Dolores
Carmen Gill
Cândido Motta
Carneiro Leão
Catulo Cearense
Cecília Meirelles
Cesário Alvim Alfredo
Cristóvão Camargo
Clemente Ferreira
Cleomenes Campos
Chicharrão (artista de circo)
Coelho Neto
Colares Junior
Custódio Moreira de Souza

D

Da Costa e Silva
Deodato de Moraes
Diniz Júnior
Durval Bandeira de Souza

E

Edgar Filgueiras
Elpídio Pimentel
Eduardo de Guimarães
Elisa Vieira Monteiro
Emílio Mayer
Erasmio Braga
Esmeraldino Bandeira
Ester Pedreira de Melo

Eurícles de Matos
Eustórgio Wanderley

F

Fernandes Figueira
Fernando Azevedo
Fernando Magalhães
Figueiredo Pimentel
Félix Pacheco
Floriano de Lemos
Francisca Júlia
Francisco Sá Antunes
Franco Vaz
Frederico Eyer
Fritz
Frota Pessoa

G

Germano Witrock
Gabriel Shiner
Georgina Albuquerque
Getúlio Vargas
Gomes Cardim
Gonçalves de Araújo
Gondim da Fonseca
Guilhermina Guinle

H

Heribert Niaud
Humberto de Campos

I

Ibrantina Cardona
Inácio Montanha
Irineu Marinho
Irmã Eugênia Tourinho

Irmã Maria José de Andrade
Irmã Paula
Izalina [sic, Zalina] Rolim

J

J. Carlos
Joaquim Murtinho
Joaquina Amália da Fonseca
João Hopke
João Luso
Jonatas Serrano
Júlia Lopes de Almeida
Júlia Wanderley
Jorge Jobim
Jorge Santana
José Anchieta
José Augusto
Juvenal Lamartine

L

Lafayette Côrtes
Leôncio de Queiroz
Leonel Gonzaga
Leonor Posada
Luiz Barbosa
Luiz Carlos
Luiz Murat

M

Malba Tahan
Manoel Bonfim
Manoel Lebrão
Mansueto Bernardi
Maria do Carmo P. Neves
Maria Eugênia Celso
Maria Loureiro

Maria Tagarro
Mário Tota
Martinho da Rocha Júnior
Mary Saião Pessoa
Melo Matos
Moncorvo (pai e filho)
Monteiro Lobato
Mozart Lago
Murilo Araújo

N

Nascimento Gurgel
Nicolina Vaz

O

Olavo Bilac
Olavo Freire
Olegário Mariano
Oliveira e Silva
Olívia Guedes Penteado
Olinto de Oliveira
Orlando Góes
Oscar Clarck
Oswaldo Teixeira
Ovídio Meira

P

Paulino de Azurenha
Paulo Barreto (João do Rio)
Peixoto Fortuna
Piolim

R

Rafael Pinheiro
Raul Moreira
Raul Pompéia

Renato Travassos
Renato de Castro
Renato Kehl
Roberto Corrêa
Rocha Miranda (família)
Rodolpho Teófilo
Rui Barbosa

S

Stella Guerra Duval
Sud Menucci

T

Themudo Lessa
Tomás Galhardo

U

Ulisses de Nonahy

V

Venâncio Filho
Vicente Piragibe
Vicente de Carvalho
Villa-Lobos
Viriato Corrêa
Visconde de Moraes

Z

Zeferino de Oliveira
Zopyro Goulart

TESOUROS DO CORAÇÃO

- 1 – Álvaro Bomílcar – UBIRATAN
- 2 – Américo Werneck – ARTE DE EDUCAR OS FILHOS
- 3 – Afonso Celso – MINHA FILHA
- 4 – Bastos Tigre – O MEU BEBÊ
- 5 – Carmen Dolores – LENDAS BRASILEIRAS
- 6 – Clemente Brandenburger – LENDAS DOS NOSSOS ÍNDIOS
- 7 – Coelho Neto – MANO
- 8 – Humberto de Campos – HISTÓRIAS MARAVILHOSAS
- 9 – Mansueto Bernardi – O LIVRO DE BEBÊ
- 10 – Maria Eugênia Celso – VICENTINHO
- 11 – Monteiro Lobato – LIVROS INFANTIS
- 12 – Murilo Araújo – AS SETE CORES DO CÉU
- 13 – Olavo Bilac – LIVROS INFANTIS
- 14 – Oliveira e Silva – POEMAS DA HUMILDADE
- 15 – Raul Pompéia – O ATENEU
- 16 – Vicente de Carvalho – LUIZINHA

ÍNDICE

Prefácio	005
Apresentação	007
Agradecimentos	009
Nota do organizador	011
Saul de Navarro e “A vida em sonho...” por Francisco Aurelio Ribeiro	014

Oferenda	017
Prólogo	018

I – O ENCANTO DAS CRIANÇAS

Ronda de sorrisos	023
Beatriz Eleonora	025
Maria Cecília	025
Maria Helena	025
Maria Dulce	026
Luis Carlinhos	026
Anjo Caboclo	027
Lucy	028
Albino	028
Carminha	028
Noelly	029
Myriam	029
Maria Cecília Pedrosa	030
Punhado de flores	030
O macaco e a cotia	032
Careta... de anjo	034
As crianças e os poetas	036
O maior tesouro	046
O que vejo e sinto nas crianças	047

II – BANDO DE ALMAS PEQUENINAS

Ubiratã	051
Anjo enfermo	052

A saudade de uma criança	052
A menina que morreu de mágoa	053
A doçura azul de uns olhos de criança	054
Pirralhices	055
O tirano de um dia	056
Chegar na horinha	056

III – FLORILÉGIO DE GRAÇAS E GORJEIOS

O José Dengoso	059
A melhor solução	060
Flagrantes	061
Socorro médico	061
A razão mais forte	061
A lógica da inocência	062
O dom helênico	063
O galã minúsculo	063
Precocidades	064
A cascatinha da Tijuca	064
Ação de graça	064
Ovo de Colombo	065
O dia de Santa Terezinha	065
Indiscrições	065
Perguntas de criança	065
Bicho come gente!	066
Curiosidade ingênua	067
Desculpa cabível	067
Papai do Céu não gosta	068
O cérebro em arrulho	068
Um gênio economista	068
Apetite pitoresco	070
De onde vem o sol	070
Deus ouve as criancinhas	071
Ir para o Céu	071

IV – APÓLOGOS E PARÁBOLAS

O encanto da humildade	075
------------------------------	-----

O pintor que foi caçar	075
Apólogo do homem rico e do homem pobre	076
Um pássaro ferido	079
O Burro e o Filósofo	079

V – LENDAS E PRODÍGIOS

Sonho de uma noite de Natal	083
Milagre de maio	085
A promessa do profeta	089
Um presente de São Nicolau	091
As estrelas de Jesus	093

MARGINÁLIA

Lista branca	100
Tesouros do coração	106

OBRA IMPRESSA NA GRÁFICA GSA PARA A
ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS
EM 2025

COLEÇÃO JOSÉ COSTA

- 1 – OS DIAS ANTIGOS / RENATO PACHECO
- 2 – INSURREIÇÃO DO QUEIMADO / AFONSO CLÁUDIO DE FREITAS ROSA
- 3 – LOGRADOUROS ANTIGOS DE VITÓRIA / ELMO ELTON
- 4 – A MULHER NA HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO / MARIA STELLA DE NOVAES
- 5 – ROMANCEIRO CAPIXABA / GUILHERME SANTOS NEVES
- 6 – A ILHA DE VITÓRIA QUE CONHECI E CONVIVI / DÉLIO GRIJÓ
- 7 – FAFI-ESCOLA, ESCOLA DE ARTE / ADILSON VILAÇA
- 8 – VIAGEM À PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO / AUGUSTE F. BIARD
- 9 – VIAGEM AO ESPÍRITO SANTO E RIO DOCE / AUGUSTE SAINT-HILAIRE
- 10 – A VITÓRIA DO MEU TEMPO / AREOBALDO LELLIS HORTA
- 11 – VITÓRIA, CIDADE PORTUÁRIA / FRANCISCO AURÉLIO RIBEIRO
- 12 – UM POUCO DE TUDO: CRÔNICAS / WALDEMAR MENDES DE ANDRADE
- 13 – PATRULHA DA MADRUGADA / ÁLVARO JOSÉ SILVA
- 14 – O INCALISTRADO: TOPÔNIMOS CAPIXABAS DE ORIGEM TUPI / SAMUEL M. DUARTE
- 15 – NOVA ESCOLA PARA APRENDER A LER, ESCREVER E CONTAR / MANUEL DE A. DE FIGUEREDO
- 16 – JARDIM POÉTICO / JOSÉ MARCELINO PEREIRA DE VASCONCELLOS
- 17 – POEMA MARIANO SOBRE A PENHA DO ESPÍRITO SANTO / DOMINGOS CALDAS
- 18 – TROVAS E CANTARES CAPIXABAS / AFONSO CLÁUDIO DE FREITAS ROSA
- 19 – A ESCRAVIDÃO E A ABOLIÇÃO NO ESPÍRITO SANTO / MARIA STELLA DE NOVAES
- 20 – DICIONÁRIO DE POETAS CAPIXABAS / THELMA MARIA AZEVEDO
- 21 – INDÚSTRIA: A MODERNIZAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO / GABRIEL BITTENCOURT
- 22 – AS MARAVILHAS DA PENHA / JOAQUIM JOSÉ GOMES DA SILVA NETO
- 23 – VELHOS TEMPLOS E TIPOS POPULARES DE VITÓRIA / ELMO ELTON
- 24 – NEGROS, ÍNDIOS E MESTIÇOS / AFONSO CLÁUDIO DE FREITAS ROSA
- 25 – LENDAS CAPIXABAS / MARIA STELLA DE NOVAES
- 26 – DR. VORONOFF / MENDES FRADIQUE
- 27 – POETAS CAPIXABAS / JOSÉ VICTORINO DE LIMA
- 28 – PATRONOS E ACADÊMICOS / AEL
- 29 – BIOGRAFIA DE UMA ILHA / LUIZ SERAFIM DERENZI
- 30 – HOMENS E COUSAS ESPÍRITO-SANTENSES / AMÂNCIO PEREIRA
- 31 – QUANDO O PENEDO FALAVA / ELPÍDIO PIMENTEL
- 32 – O TESOURO DA ILHA DA TRINDADE / ADELPHO POLI MONJARDIM
- 33 – O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO E OS ESPÍRITO-SANTENSES / EURÍPEDES QUEIROZ DO VALLE
- 34 – MANOEL JORGE RODRIGUES: O PRECOCE POETA ESPÍRITO-SANTENSE / AURO M. DOS SANTOS
- 35 – MEMÓRIAS CAPIXABAS / COLETÂNEA
- 36 – LENDAS CAPIXABAS / MARIA STELLA DE NOVAES
- 37 – ESBOÇO HISTÓRICO DOS COSTUMES DO POVO ESPÍRITO-SANTENSE / FRANCISCO A. SIQUEIRA
- 38 – HISTÓRIA DA PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO / MISAEL FERREIRA PENA
- 39 – A VIDA EM SONHO... / SAUL DE NAVARRO